

# Ibiti

35 ANOS

REVISTA DA RESERVA DO IBITIPOCA



CRUDE AWAKENING  
SUSTENTABILIDADE  
CONHECER E PRESERVAR  
MURIQUI-DO-NORTE

Reverência à natureza como manifesto artístico  
Empreendedorismo e empoderamento social  
Aposta na educação ambiental comunitária  
Recuperação de uma espécie emblemática



*Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência em face da vida, pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, a intensificação da luta pela justiça e pela paz e a alegre celebração da vida.*

Carta da Terra

## SONHO E TRABALHO DE MUITOS

Lá se vão 35 anos desde que nosso primo Carlinhos “plantou a primeira semente” adquirindo uma pequena fazenda no que é hoje o coração da Reserva do Ibitipoca.

O aconchego mineiro, os causos, os cantos das águas, o estrondo das chuvas, a vida das florestas, a magia do entardecer, a luz das estrelas, a magnitude da lua, os mistérios das noites, as descobertas de inúmeras cachoeiras, suas infindáveis belezas e sobretudo as pessoas que conhecemos e descobrimos nas entranhas da Serra alimentaram nossas almas da mais pura alegria de existir. Nesse embalo, fomos envolvidos por um ciclo virtuoso onde saciamos e instigamos a vontade pelo “fazer algo maior”, dando sentido à sina evolutiva que a todos nós é tão intrínseca. Aprendemos, em nossa insignificância, o quão generosa, rica e magna é a mãe natureza. Ano a ano percebemos a singularidade e as dinâmicas da vida. Uma eternidade, o desabrochar de uma flor, um piscar de olhos, tudo tem seu tempo...

Uma terra onde séculos de gana e labuta pela sobrevivência humana deixaram marcas profundas no entorno da Serra. O tirar sustento das terras e matas, numa luta cotidiana sem trégua, deixou chagas e cicatrizes antigas e profundas, que se contrapõem a tamanha beleza de cantinhos que parecem intocados, verdadeiras obras de arte. A resiliência da natureza, ainda que exemplarmente bravia, demonstrava sinais de fadiga, o clamor por ajuda se mostrava e ainda se mostra latente. Há muito a fazer, é só o início de uma longa jornada que passo a passo trilhamos.

O até aqui feito se mostra extremamente gratificante.

Ao longo dos anos, vimos os pastos virarem mata, os animais voltarem ao habitat original e o homem da terra reencontrar o sustento perdido. Aqui, sabemos que cada atitude nossa afeta os outros, a natureza e a nós mesmos. Somos intrinsecamente interdependentes.

Meio que sem querer, principalmente pela simples convergência de ideais e buscas, tornamos cosmopolita essa terra mineira, recebendo voluntários, pesquisadores e hóspedes que chegam de todo o planeta.

Em contraponto à arte da mãe natureza, também damos espaço à arte do “bicho homem”, numa agradável brincadeira que encanta a alma, faz brilhar os olhos e encher nossos corações.

Assim como Mumbatu, escultura que ilustra a capa desta revista e representa o equilíbrio delicado entre natureza e humanidade, nos curvamos, agradecidos, em reverência à grandiosidade da natureza e às pequenas nuances da vida.

Ainda que no início desta longa jornada, que em muito extrapola nossa existência, tenhamos nos atrevido a alimentar novos sonhos, criar novas visões que nos sirvam de norte e inspiração, mais 35 anos virão...

Aonde vamos? O que enxergamos? Que futuro queremos? Como interagir e dar sustentabilidade ao sonho de muitos?

Perguntas chamam respostas, motivam buscas, nutrem sonhos que, por sua vez, definem caminhos e escolhas...

Visualizamos para os próximos 35 anos um projeto ainda mais inspirador, um santuário ecológico em plena regeneração, com diversas espécies reintroduzidas, inclusive o gavião-real, outrora símbolo maior de nossos céus. Um grande palco onde proliferam e prosperam atividades empreendedoras de desenvolvimento verdadeiramente sustentáveis. Um local onde o ser humano, com todas as suas insignificâncias, grandezas, imperfeições e belezas, possa encontrar, em sua plenitude e com humildade, seus caminhos. Vemos pessoas felizes, saudáveis e fraternas se divertindo, trabalhando, ensinando, aprendendo e prosperando em paz e harmonia com a natureza.

Um local onde a mais alta tecnologia, a modernidade e a arte do mundo se conectam com a simplicidade, a cultura, as tradições e a sabedoria das pessoas locais. Onde valores e propósitos nobres nos sirvam de guias, sendo, de tão intrínsecos, percebidos nas mais simples das atitudes cotidianas. Enfim, que estejam consolidadas as bases de um sonho que prospere por muitas e muitas gerações.

Com carinho e agradecimentos,  
**Renato e Marcelo Machado**



### NOSSA MISSÃO

Potencializar as condições para o florescimento da felicidade na região

**VISÃO**  
Um projeto socioambiental inspirador, já replicável em 2022

**VALORES**  
Gentileza  
Simplicidade  
Entusiasmo  
Excelência  
Espiritualidade  
União





Jabuticabas, pintura onírica do artista australiano Christian Spencer feita na Reserva do Ibitipoca (2017, acrílico sobre tela, 70 cm X 100 cm)



Raquel e Jean, texto e arte juntos para celebrar os 35 anos da Reserva do Ibitipoca

## SEDE DE VERDE :: Raquel Ribeiro

*É preciso ao menos duas lentes para ver a Reserva do Ibitipoca: micro e macro. Há grandiosidade em cada cachoeira, árvore centenária, gruta e paisagem; e mais ainda no corajoso projeto de sustentabilidade que permeia todas as ações.*

*Há beleza e poesia nas flores silvestres, no minúsculo sapinho pingo de ouro, na luz solar que atravessa os coloridos vitrais das casas, nos detalhes singelos de enfeites artesanais.*

*Como matrioska, a boneca russa “grávida” de bonecas cada vez menores, quanto mais nos embrenhamos, mais nos surpreendemos com essa região que renasce nas Gerais. Maltratada pela febre do ouro, esgotada pela criação de gado, hoje a terra volta a se vestir de Mata Atlântica.*

*Do capim quase fluorescente às folhas mais escuras de algumas árvores, infinitos tons de verde colorem a diversidade do bioma que um dia cobriu boa parte do território brasileiro.*

*Talvez tenha sido pura sede de verde a centelha que deu*

*vida ao projeto ambiental da Reserva, nos idos de 1981. Mas o resultado não se restringe ao aumento da área de mata e das espécies vegetais e animais: a Reserva conseguiu manter o homem do campo na terra! Semeiam-se milho, feijão e mandioca; plantam-se juçara, bananeira e abacate; mas também cultivam-se cooperação, sonhos e felicidade. A obra que ilustra nossa capa traduz esse espírito. Mumbatu, escultura metálica com 5 metros de altura e 12 toneladas, embora gigantesco, se faz pequeno diante da imponência da paisagem natural. Inspirado em religiões africanas, ele se concentra sobre o solo, estende a mão e parece fazer do plantio uma oração. Assim como seus seis companheiros, criados pela artista Karen Cusolito, Mumbatu é feito de sucata industrial. É fácil imaginar que esse ferro foi extraído em solo brasileiro, forjado em terras estrangeiras e agora voltou para fincar raízes na terra natal, na forma de uma mensagem de harmonia e esperança.*



Realização  
Reserva do Ibitipoca

Patrocínio  
U&M

Coordenação  
Raquel Pazos

Projeto editorial,  
edição e textos  
Raquel Ribeiro (MTB 15.733)  
(raquel.ri@uol.com.br)

Projeto gráfico e design  
Jean Pierre Verdaguer  
(jeanpi@uol.com.br)

Consultoria  
Brittany Berger

Colaboração e tradução  
Selma Vital

Revisão  
Patrícia Villas Bôas Cueva

Fotos e captação de vídeo  
Jean Pierre Verdaguer,  
Raquel Ribeiro e acervo da  
Reserva do Ibitipoca

Foto da contracapa  
Pablo Fernicola

Impressa na gráfica Rona, em junho/2017.  
Tiragem: 2.000 exemplares.  
Distribuição gratuita. Texto e imagem só  
podem ser reproduzidos com autorização  
expressa da Reserva do Ibitipoca.

Agradecemos a toda a equipe da Reserva  
do Ibitipoca e aos amigos que participaram  
da criação desta publicação comemorativa.

10	Meio ambiente MIL TONS DE VERDE
16	Entrevista ÓTIMOS VIZINHOS
17	Mata Ciliar GUARDIÃ DAS ÁGUAS
18	Fauna VOAR COM OS OLHOS
20	Ensaio NOSSA LOUCA TERRA OCA
24	Preservação OLHOS ABERTOS PARA O FUTURO
32	Artigo ANFÍBIOS DA SERRA DO IBITIPOCA
34	Galeria RABISCOS ARISCOS
40	Caminhos PÉ NA ESTRADA
48	Infográfico PRESERVAÇÃO SUPERLATIVA
50	Arte TRANSPIRAÇÃO X INSPIRAÇÃO
54	Arquitetura CERTO COM LINHAS TORTAS
60	Empreendedorismo MÃOS NA MASSA
68	Terra Fértil FLORESTA QUE ALIMENTA
72	Troca Cultural "BOM PROCÊ"
76	Inspiração O TEMPO E O VENTO
78	Enquete A RESERVA EM 2050
83	Agradecimento SÉRGIO MACHADO



Apaixonada pelos miquis e pela Mata do Luna, Brittany Berger coordena o setor de pesquisas ambientais da Reserva

VEJA O VÍDEO



# MIL TONS DE VERDE

Proteger os ecossistemas da região de Ibitipoca é uma das missões da Reserva. Educação ambiental e envolvimento da comunidade local são algumas de suas ferramentas

Criada em 1981 com a aquisição da Fazenda do Engenho, no município de Lima Duarte, em Minas Gerais, a Reserva do Ibitipoca adquiriu e incorporou, ao longo do tempo, uma centena de propriedades que contabilizam atualmente mais de 4 mil hectares de área preservada, formando uma grande teia natural capaz de proteger o Parque Estadual do Ibitipoca (PEIb), um ecossistema da maior importância, com aproximadamente 1,5 mil hectares de área. A Reserva segue à risca uma das metas da Agenda 21: “adotar a sustentabilidade para mudar os rumos do crescimento econômico global ambientalmente predatório e socialmente excludente; pensar globalmente e agir

localmente”. Em 35 anos de existência, ali se inverteu a realidade do solo. Antes havia 10% de mata e 90% de monótonos pastos. Agora, inúmeros tons de verde permeiam praticamente toda a área e a meta é cobrir 99% da terra com vegetação nativa e resguardar apenas 1% para a produção de alimentos. A Reserva, o Parque e toda a Serra do Ibitipoca formam um mosaico da Mata Atlântica onde predominam o campo rupestre e as matas ombrófilas altimontanas. Trata-se de um ecótono (do grego *oikos*, casa, e *tónos*, tensão), onde diferentes comunidades ecológicas interagem, propiciando a existência de uma rica biodiversidade, com candeias, cactos, sempre-vivas, canelas-de-emas, líquens e bromélias em profusão.

Narjara Lopes de Abreu, bióloga responsável pela empresa juiz-forana Flora Original, coordenou uma equipe para a realização de um diagnóstico do status de conservação das seis áreas de mata mais significativas da Reserva. “A região é privilegiada, pois une dois biomas com grande biodiversidade.” O estudo aponta que a regeneração das matas do Luna, do Mono, do Gavião, Patuá, Boa Vista e da Janela do Céu está avançada e que, pelo tamanho e grau de conservação das áreas, a Reserva já tem base para atingir seu objetivo ambiental: ser um refúgio da vida silvestre. Narjara localizou diversos exemplares da flora ameaçados de extinção – em especial plantas epífitas, como bromélias e orquídeas.

A recuperação das matas em terras que até pouco tempo atrás serviam às fazendas de gado propiciou o crescimento da população de diversas espécies de animais: há proteção contra caçadores, possibilidade de intercâmbio genético e maior oferta de alimentos. Observa-se o retorno de espécies endêmicas e ameaçadas de extinção, como a jaguatirica e o lobo-guará, mas uma delas precisa de especial atenção: o miqui-do-norte. Há somente doze populações desses macacos no mundo – uma delas fica na Reserva! “Os miquis que vivem na Mata do Luna representam uma importante linhagem genética, pois essa população é uma das encontradas mais ao sul dentro da distribuição geográfica da espécie”.

Armadilhas fotográficas espalhadas pela Reserva flagram cenas de habitantes ilustres como a jaguatirica e o cateto



avalia Fabiano R. de Melo, professor de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Goiás (Regional Jataí). Em 2014, a Reserva foi autorizada pelo PAN Muriqui (Plano de Ação Nacional para conservação dos Muriquis) a receber novos indivíduos. “No fim de 2015, localizamos uma fêmea solitária, a Esmeralda. Passamos alguns meses a acompanhando na natureza, observando seu cotidiano, e assim pudemos, em janeiro deste ano, ser efetivos no processo de captura e transferência para a região da Mata do Luna. Ali já existem dois machos à espera da companhia para iniciar o processo de repovoamento das matas da Reserva do Ibitipoca, um legado essencial que é preciso garantir para as próximas gerações”, conta o pesquisador responsável por essa delicada logística.

**NA PALMA DA MÃO** Calcula-se que sejam necessários até 500 anos para uma área degradada recuperar a vegetação original em sua plenitude máxima. “A gente vê que a mata é resistente e que ela vai voltar. Algumas áreas precisam de mais ajuda; outras são fortes, cheias de vida”, avalia Brittany Berger, que chegou à Reserva no intuito de ficar seis meses. Ela se identificou tanto com o lugar que é moradora há mais de quatro anos! Começou como professora voluntária de inglês e hoje coordena os projetos socioambientais. O início de suas atividades foi na área de educação ambiental, com o intuito de envolver a comunidade. “Para entender qual era o interesse das pessoas, conversei com uma educadora local, ela olhou pra mim e falou ‘ah, educação ambiental, que chato... só água e lixo!’”

Para reverter essa tendência à abordagem superficial do tema, Brittany e Fernanda Motta, mestrandas na área de Biodiversidade na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), desenvolveram em 2015 o projeto Escola Mais Verde, aplicado em São José dos Lopes, arraial próximo à Reserva. O tema trabalhado com os alunos foi o “jardim” de suas casas: os campos rupestres, uma das formações vegetais do bioma Mata Atlântica. “Acredito que a gente preserva o que a gente ama. E a gente ama o que a gente conhece”, avalia Brittany. Hoje a Reserva investe em um projeto na escola municipal Padre Carlos, em Conceição do Ibitipoca, destinado a alunos do 6º ao 9º ano e coordenado por Fernanda, com apoio dos professores da escola e do GEIA (Grupo de Estudos Interdisciplinares

do Ambiente/UERJ). Ao transmitir conhecimentos da fauna e flora locais, dos recursos hídricos e buscar um resgate cultural por meio de atividades dinâmicas e visitas guiadas ao Parque e à Reserva, espera-se que esses meninos e meninas se tornem entusiasmados agentes multiplicadores. “A Reserva não é diferente do Parque, é complementar: seus ecossistemas são interdependentes e as interações são importantíssimas para o equilíbrio entre eles. Proteger uma espécie significa proteger todo um ecossistema”, explica Fernanda. Brittany é responsável por organizar as visitas e sempre se encanta com a reação dos estudantes: “Quando a gente levou uma turma na Gruta dos Andorinhões, que tem uma cachoeira dentro, uma criança perguntou: ‘Tia, a natureza que fez?’. Foi tão bonitinho!”.

Cachoeirinhas formadas pelo Rio do Salto, próximas ao restaurante do Parque. Arbustos típicos dos campos rupestres marcam a paisagem





Rica em matéria orgânica, que lhe confere um peculiar tom avermelhado, essa água limpíssima caracteriza a região de Ibitipoca



Cenas do bem-estarismo: galinhas ciscam em liberdade e, em vez do triste fim do abate, cavalos ganham uma aposentadoria tranquila em áreas reservadas

Não são apenas os jovens que levam um tempo para descobrir as maravilhas ao seu redor. Craque na manutenção de trilhas – e comemorando uma década de trabalho na Reserva –, Ozamar de Paulo Machado acompanhou as mudanças na terra e na cultura local: “Antigamente se queimava e se derrubava mata, até com incentivo do governo. A água estava escasseando, e hoje vejo que está voltando – e é água boa de beber! Agora todo mundo fala em preservação, os tempos mudaram, você não vai mais criar os filhos como antigamente. Apreendi muita coisa e tenho a vida que pedi a Deus: não quero um pedacinho do céu porque já estou nele”. Perceber essa mudança de paradigmas entre os moradores locais é tocante. Mais ainda é ver a troca de conhecimentos entre eles e as pessoas que chegam da cidade

grande, na contramão do sonho urbano. Caso da juiz-forana Carmem Lucia Damaceno, especializada em abelhas nativas. Ela conta que essas espécies já viviam aqui muito antes da introdução da *Apis mellifera* (como a europeia e a africana) e que, além de produzir méis especiais, não têm ferrão, são dóceis e fáceis de manejar. Com autorização do Ibama, a especialista quer ampliar a criação de abelhas nativas (meliponicultura) para gerar dados científicos sobre o desenvolvimento das colônias, como forma de conservação dos ecossistemas. “Sem a polinização das abelhas, 80% dos cultivos agrícolas seriam severamente comprometidos.” O respeito dedicado às abelhas se estende a todas as relações com os animais na Reserva: as galinhas ciscam com liberdade, parte do leite das vacas

e cabras é reservada aos filhotes e os cavalos são muito bem tratados. Na velhice ou invalidez, em vez de sofrer abate, vivem uma aposentadoria tranquila no Chapadão, um lugar lindo na Reserva. O princípio de cuidado engloba ainda a forte política de redução de resíduos, com o objetivo de atingir o lixo mínimo: há cestos de taquara para transporte e armazenamento de alimentos e evita-se ao máximo o uso de embalagens descartáveis. A consciência ambiental chega também no transporte. Assim como os utilitários elétricos 4X4 substituíram os modelos a diesel e as bikes elétricas aposentaram as motos, em breve haverá drones – também elétricos – aptos a entregar produtos e insumos, racionalizando ainda mais a logística dentro da Reserva. Produção agroflorestal de

alimentos, tratamento digno aos animais, partilha de conhecimento, valorização da cultura local, educação ambiental efetiva – tudo isso é tecido com esmero na grande rede da Reserva. O teólogo Leonardo Boff escreveu que “cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Abrange mais que um momento de atenção. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo.”

SAIBA MAIS:

:: A Agenda 21 é um documento assinado por 179 países participantes da Rio 92, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), e define um programa de ação para um novo padrão de desenvolvimento. Sua meta são sociedades sustentáveis, que conciliam proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica.

O Parque Estadual de Ibitipoca é uma das preciosidades de Minas. A Reserva do Ibitipoca ajuda a proteger esse santuário

# ÓTIMOS VIZINHOS



Uma paisagem singular, fauna e flora dos campos rupestres, penhascos, escarpas, desfiladeiros profundos, grutas, quedas-d'água e rios de águas avermelhadas compõem um dos cenários mais surpreendentes do Brasil, o Parque Estadual do Ibitipoca (PEIb). Conhecido mundialmente pelas suas cavernas de quartzito com formações espeleológicas de enorme relevância geológica e ambiental, o Parque, criado em 1973, está avaliado entre os três melhores da América Latina, de acordo com o site de viagens TripAdvisor. Até o início do século 17, essa região e toda a Serra do Ibitipoca eram habitadas por pacíficos índios Araci, logo exterminados por bandeirantes que fizeram da região passagem para o Porto de Parati – abrindo, assim, o chamado Caminho Velho. Por sua localização geográfica, foi erguida a Vila de Conceição do Ibitipoca,

que, em 1718, contava com 7 mil habitantes, uma população respeitável para a época! Quem passa hoje por essa vila mal calcula o quão relevante ela era no Brasil do século 18. Mas podemos imaginar os passos dos aventureiros e comerciantes ao observar as antigas casas coloniais, o chão de pedras, os muros e igrejas. Esse charme histórico, somado às atrações naturais da região e, claro, do Parque, traz visitantes e um novo alento à população local. Conversamos com João Carlos Lima de Oliveira, há oito anos diretor do PEIb, sobre a relação com a Reserva:

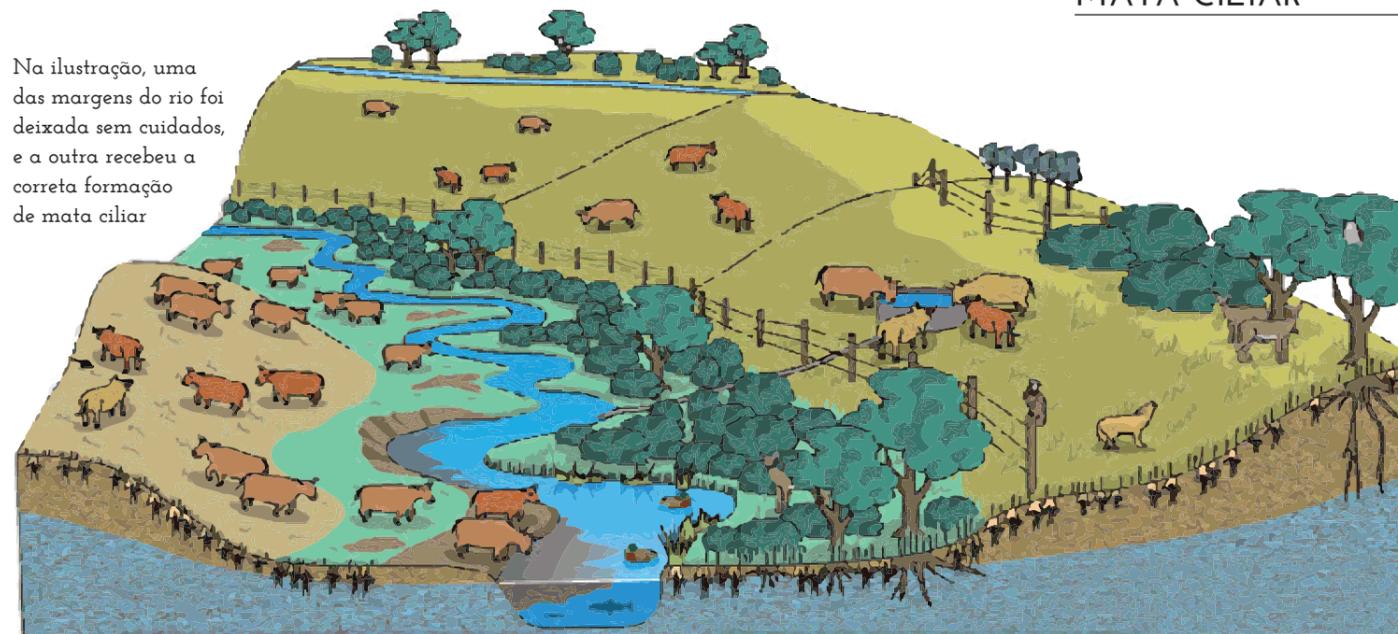
**Raquel Ribeiro: De que maneira a Reserva apoia o Parque e vice-versa?**  
**João Carlos Lima de Oliveira:** Ter uma área protegida no entorno de uma unidade de conservação é uma forma de impedir que os impactos negativos cheguem primeiro a essa unidade de

conservação. Quer dizer, a Reserva do Ibitipoca vai sofrer primeiro qualquer impacto externo, como um incêndio ou grupo de caça, e solucioná-lo, antes que chegue aqui dentro. É lógico que há uma parceria entre nós. Por exemplo, recentemente um incêndio nos atingiu e foi controlado com total apoio da Reserva: veículos, equipamentos e funcionários treinados vieram colaborar. Essa parceria é constante: sempre que há algum problema, nos comunicamos para resolver em conjunto. E a parceria se estende também às coisas boas! A Reserva financiou e organizou um curso para brigadistas e ofereceu algumas vagas para o pessoal do Parque. Mandamos cinco funcionários, que foram capacitados lá. Até 2015, o Parque tinha cursos anuais de brigadista e oferecia vagas ao pessoal da Reserva.

**R: A Reserva também proporciona o surgimento e a proteção de corredores ecológicos, certo?**  
**JC:** Uma unidade de conservação no entorno é sempre benéfico, pois o Parque deixa de ser uma ilha. A Reserva do Ibitipoca tem mais do que o dobro do tamanho do Parque, e isso é ótimo para o Parque e para a fauna da região, pois possibilita mais alternativas de troca genética e maior sustentabilidade para ambas as unidades de conservação.

**R: Como é a atuação da comunidade diante de uma ameaça de fogo?**  
**JC:** No último incêndio, tivemos muito mais voluntários do que servidores do Parque. O fogo teve esse aspecto favorável, ao mostrar às autoridades estaduais que nosso Parque atrai uma quantidade de voluntários muito maior do que a média de Minas Gerais.

Na ilustração, uma das margens do rio foi deixada sem cuidados, e a outra recebeu a correta formação de mata ciliar



PRÁTICA ERRADA

PRÁTICA CERTA

## GUARDIÃ DAS ÁGUAS

As matas ciliares integram o pacífico exército de proteção dos rios e nascentes. Plantar e manter essa vegetação garante a qualidade do precioso líquido

O recurso primordial no processo de reflorestamento é a água. Proteger cada nascente ou simples riozinho significa dar corda na complexa engrenagem do ciclo da natureza. E a grande defensora das águas é a mata ciliar: assim como os cílios resguardam nossos olhos de impurezas, as árvores se posicionam tal disciplinados soldados, aptas a reduzir o impacto das chuvas no solo. Em vez de cair na terra nua, formando barro, elas chegam “filtradas” pelas copas e raízes – isso reduz muito o risco de assoreamento e a entrada de poluentes e sedimentos, mantendo o equilíbrio dos ecossistemas aquáticos. A formação vegetal que margeia nascentes, córregos, rios, lagos, lagoas e represas ainda forma corredores indispensáveis à

conservação da biodiversidade. Ali há alimento e abrigo para uma infinidade de animais. Mas será que toda árvore pode ser guardiã das águas? Seu Otacílio Geraldo Lage, técnico em agropecuária, explica que há uma ciência envolvendo esse tipo de reflorestamento. “É importante plantar árvores de diferentes estágios de crescimento, espécies pioneiras, que atraíam a fauna silvestre (dispersoras naturais de sementes), e reintroduzir espécies ameaçadas de extinção. Algumas espécies são especialmente indicadas, como ingá, aroeira-vermelha, esponjinha e angico-branco”, diz o responsável pelo plantio e manutenção de diversas áreas da Reserva do Ibitipoca. Ele e sua equipe plantaram mais de 5 mil mudas em 2016. O total do plantio destinado à formação

da mata ciliar já chega a 20 mil! O trabalho, entretanto, continua após o plantio, pois há um prazo de aproximadamente três anos para a mata ciliar reflorestada se consolidar e continuar crescendo sozinha. Nativo de Ibitipoca, seu Otacílio trabalhou por 27 anos na área de produção e plantio do Instituto Estadual de Florestas (IEF). Seu conhecimento e experiência agora dão frutos em seu horto, repleto de frutíferas e árvores da região. Desse enorme berçário saem as mudas destinadas a formar as linhas de proteção dos rios, onde cada árvore tem sua missão: as localizadas perto das águas apresentam raízes superficiais e em maior quantidade, enquanto as que ficam mais afastadas das margens têm raízes mais profundas e copas altas.

# VOAR COM OS OLHOS

Curiosidade, atenção e paciência. Com esses valores em mente, você embarca em um passeio nota dez, de impacto ambiental zero: a observação de aves



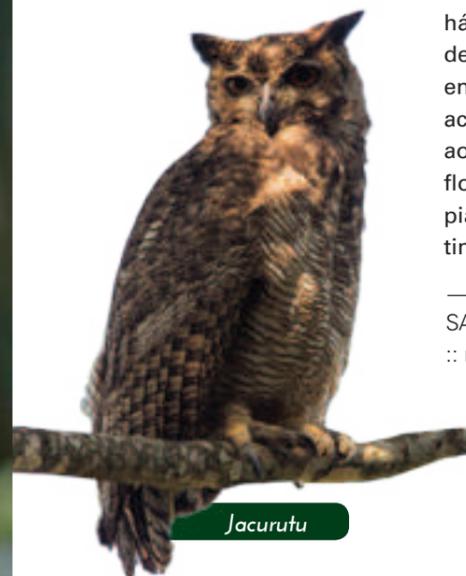
Tangará-dançarino



Surucuá-variado



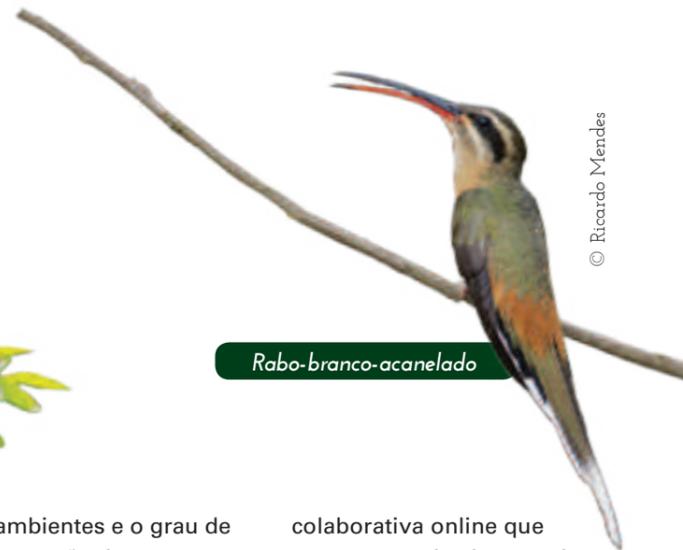
Maria-preta



Jacurutu



Saíra-douradinha



Rabo-branco-acanelado



Tiê-sangue



Gibão-de-couro

A primeira impressão de quem pisa na Reserva é de que a grama se faz de alpiste, tal a quantidade de aves por perto. Em frente à cozinha da sede da Fazenda do Engenho, duas araras-canindés brincam de sentinelas; pelas varandas (e mesmo no salão!) circulam à vontade dois tucanos comilões; no pátio, uma família de saracura desfila com altivez. Colibris, pintassilgos e canários-da-terra ciscam e voam pelos arredores da casa. Segundo Ricardo Mendes, fotógrafo mineiro e guia especializado em birdwatching, “já são cerca de 200 espécies catalogadas nas atividades de observação de aves na Reserva, e certamente há mais tesouros a serem descobertos. A procura envolve disposição para acordar cedo e atenção aos mínimos detalhes: florações, frutificações, piados e cantos de distintos timbres”. A diversidade

de ambientes e o grau de preservação das matas atraem espécies das mais variadas cores, formas e tamanhos, como a águia-cinzenta, que habita os altos paredões rochosos; a sanã-parda, pequena saracura de canto peculiar que fica próxima a áreas alagadas, e a jacurutu, a maior coruja das Américas. “Além dos vistosos surucuás, coloridas saíras e tiês, dez espécies de beija-flores e pica-paus, dos mais miúdos ao robusto pica-pau-rei”, complementa Ricardo. “Comecei a fotografar aves em seus habitats naturais por acaso e, pela web, conheci pessoas com a mesma paixão. Naturalmente, me interessei por outros aspectos que envolvem a observação, como biologia, turismo sustentável e educação ambiental”, conta o cofundador da plataforma Táxeus (ferramenta

colaborativa online que promove conhecimento da biodiversidade brasileira). Ricardo visitou a Reserva e já mapeou algumas áreas, como as exuberantes matas próximas ao Garnet e diversos ambientes ao redor da Casa Nova. Ele ficou impressionado com a quantidade de espécies identificadas em cada saída para catalogação.

SAIBA MAIS:

:: [ricardomendes.eco.br](http://ricardomendes.eco.br) e [minasbirdingtours.com.br](http://minasbirdingtours.com.br)

"Montanha fendida" é uma  
das traduções para Ibitipoca.  
Talvez uma alusão às  
muitas grutas da região!

# NOSSA LOUCA TERRA OCCA

Guilherme Salgado, engenheiro ambiental,  
e Heitor Cintra, espeleólogo e engenheiro  
ambiental, realizaram, em janeiro de 2016,  
a primeira visita de reconhecimento a  
algumas cavernas da Reserva.  
E identificaram suas características  
básicas quanto ao potencial turístico

É quase impossível ir à Reserva do Ibitipoca e não se impressionar com a exuberância que a natureza ali apresenta. Engana-se, contudo, quem pensa que ao percorrer suas belas trilhas poderá avistar tudo que a serra tem a oferecer. Em alguns casos é preciso ir além, ou melhor, abaixo, em direção ao subterrâneo, onde há um mundo a ser descoberto, misterioso, instigante e, acima de tudo, surpreendente. Não é de hoje que as grutas de Ibitipoca fascinam as pessoas. O próprio nome da serra, dado por seus primeiros habitantes antes da chegada dos colonizadores, provavelmente deriva de sua condição geológica. Uma das interpretações mais aceitas para o topônimo Ibitipoca, originário do tupi, é “montanha estourada/fendida”, em alusão à presença de muitas grutas. A Reserva do Ibitipoca possui seis grutas cadastradas junto à Sociedade Brasileira de Espeleologia, entretanto, sabe-se da existência de diversas outras por lá. Essas grutas, assim como as demais da região, se desenvolvem nas chamadas rochas quartzíticas: a formação dos condutos e salões se inicia com a dissolução pela água dos minerais constituintes. Depois, outros processos continuam a contribuir com esse fabuloso projeto arquitetônico da natureza, como a erosão, os desabamentos e a ação de animais e plantas. Quem visitar as grutas com atenção poderá apreciar pequenas e frágeis formações, os chamados espeleotemas. Essas deposições minerais podem levar centenas ou até

milhares de anos para se desenvolver, e, se não são espetaculares como as que surgem nas cavernas calcárias, não são menos importantes.

Os espeleotemas conferem grande beleza às grutas, com suas formas, cores e texturas; e guardam parte da história do desenvolvimento delas e das transformações que aquele ambiente sofreu. São os espeleólogos e os geólogos os responsáveis por estudar esses segredos.

Além de toda a beleza natural, as grutas abrigam cenários de tempos remotos, por onde passaram caçadores, fugitivos, devotos ou pessoas que simplesmente precisaram se proteger da tempestade. Alguns vestígios dessas passagens, como inscrições e pequenas construções de pedra, ainda podem ser vistos. Um exemplo é a gruta do Tocão, que, além de proporcionar um percurso de muita aventura, revela inscrições históricas no teto, provavelmente do início do século passado. Dizem os moradores locais que essa gruta foi usada como abrigo por escravos fugidos.

Fenda que dá acesso à Gruta dos Andorinhões, onde é possível ver como a água e a ação das raízes interagem na dinâmica de formação das grutas



## OLHOS ABERTOS PARA O FUTURO

*Proteger o miqui significa preservar matas, nascentes e a biodiversidade. Conheça esse primata brasileiro e partilhe do entusiasmo da pesquisadora norte-americana KAREN STRIER*

FOTOS: PABLO FERNICOLA

**P**acíficos e tranquilos, se alimentam sem pressa, fazem amor sem ciúme, convivem sem hierarquia; gostam de ficar juntos, de se abraçar e de contemplar o mundo com olhos plácidos. Fêmeas jovens são livres e saem sozinhas para procurar parceiros em outras terras. A descrição bem poderia ser a de uma comunidade hippie dos anos 1970, mas esse perfil pertence ao discreto macaco miqui, que ocupa o imponente posto de maior primata das Américas. Trata-se de uma espécie exclusivamente brasileira, severamente ameaçada de extinção. Considerado “espécie bandeira”, como o panda-gigante na China, hoje se restringe a cerca de 3 mil

indivíduos, divididos entre as espécies de miquis-do-norte e do sul, sendo apenas mil animais da espécie do norte. Um de seus raríssimos redutos é a Mata do Luna, na Reserva do Ibitipoca, onde já houve um grupo de doze macacos. Devido à falta de fêmeas, o bando foi diminuindo a ponto de restarem apenas dois machos.

José Vicente de Paula, mateiro experiente, “nascido e criado” na região, conta que via os miquis com frequência quando era criança. “O bando morava mais para a parte do Paredão, aí o fazendeiro derrubou a mata e eles mudaram para a Mata do Luna. É assim que os mais velhos

contam pra gente. Eu era criança de uns oito anos, e lembro dos miquis com os filhotinhos nas costas. E tinha muitos, porque, quando eles iam para um lado e para o outro, balançavam as copas das árvores. Aí foi diminuindo. A gente não sabe se foram morrendo, se foram saindo... só sabe que diminuiu.”

Ao atingir a maturidade sexual, a fêmea se desliga de seu bando e parte em busca de outros grupos. Quando não existe outro bando disponível (caso da Mata do Luna), a fêmea se perde e acaba morrendo isolada. Como não há ocorrência de miquis num raio de centenas de quilômetros, as poucas fêmeas disponíveis

Dra. Karen B. Strier, bacharel em Sociologia/ Antropologia e Biologia pela Swarthmore College (EUA), Master e PhD em Antropologia pela Harvard University, professora do Depto. de Antropologia da Universidade de Wisconsin-Madison, professora permanente da Universidade Federal do Espírito Santo e autora do livro *Faces na Floresta*

VEJA O VÍDEO





debandaram ao longo dos anos. Por isso, para todos que trabalham na Reserva, o amistoso primata se tornou símbolo da reconquista da natureza, pois sabem que o esforço para recuperar sua população será benéfico à Mata Atlântica como um todo: apostar na reintrodução de fêmeas e investir no fortalecimento do grupo implica na preservação e reflorestamento de vastas áreas e na proteção da biodiversidade. Eis a meta da antropóloga Karen Strier, incansável pesquisadora norte-americana e autoridade máxima no estudo do muriqui – termo tupi-guarani que significa “povo manso da floresta”. Ela coordena o Projeto

Muriqui de Caratinga, onde mantém, desde 1983, uma pesquisa que hoje envolve uma população de 350 muriquis. Grande colaboradora da Reserva do Ibitipoca, Karen nos brindou com uma longa conversa: falou (em ótimo português!) sobre seus mais de 30 anos de pesquisa e festejou o fato de a Reserva, após rigorosa avaliação, ter sido considerada pelo ICMbio apta a abrigar novos indivíduos, a começar pelas fêmeas Esmeralda e Socorro. A primeira é, desde janeiro deste ano, a nova moradora da Mata do Luna. A segunda ainda está sendo monitorada pela equipe de “muticólogos”. Gentil e decidida, Karen encantou a todos com seu entusiasmo.

**RAQUEL RIBEIRO:** *Como você chegou ao Brasil?*  
**KAREN STRIER:** Vim pela primeira vez em 1982, em busca de uma ideia para o doutorado que estava fazendo na Universidade de Harvard (nos Estados Unidos). Fui até Caratinga, em Minas Gerais, onde tinha uma população de muriquis: foi amor à primeira vista, foi fantástico! Resolvi fazer meu doutorado ali. Comecei a coleta de dados em 1983 e morei por 14 meses na boca da mata de Caratinga, estudando os muriquis. Foi inacreditável. A cada dia, uma nova descoberta! Ninguém sabia que os muriquis eram tão pacíficos, que moravam em grupo sem hierarquia, que as fêmeas eram superindependentes e os

A Mata do Luna é um dos últimos refúgios do muriqui. Livre de caçadores, ela pode se tornar um santuário para essa espécie tão vulnerável

machos muito carinhosos. Meu prazo terminou em 1984, voltei aos Estados Unidos e retornei em 1985 para verificar se havia filhotes. Todos do grupo eram identificados por suas marcas individuais, detalhes no pelo da face que funcionam como uma impressão digital. Consegui recursos, fiz parceria com cientistas, estudantes e estagiários brasileiros; e hoje o projeto de monitoramento do comportamento da população dos muriquis em Caratinga está completando 33 anos, com o treinamento de pessoas, alunos, pesquisadores e biólogos brasileiros com interesse em primatas e na conservação. Ao longo desse tempo, tudo que aprendemos sobre o

muriqui acabou sendo útil para a sua conservação.

**RAQUEL:** *Os resultados da pesquisa foram positivos?*  
**KAREN:** Lá em Caratinga, por sorte e por causa da conservação da mata, a população foi crescendo. Hoje, temos mais de 350 muriquis divididos em quatro grupos, numa mata preservada de mil hectares. Só que a densidade dos muriquis é muito alta! Eu comecei a pensar em opções para ajudar os muriquis de Caratinga e também aqueles que não têm tanta mata ou moram num grupo isolado. Foi quando vim para cá pela primeira vez e vi o que está sendo feito em Ibitipoca; o jeito como os moradores, as pessoas que trabalham

*“Imagine um mundo sem hierarquia, com uma sociedade igualitária, sem guerra, só amor. Esse é o comportamento social do muriqui, que é também modelo para a compreensão da evolução do homem. Como deixar essa espécie exemplar entrar em extinção?”*  
KAREN STRIER



na Reserva, que trabalham na Pousada encaram esse projeto... São pessoas com visão, compromisso e otimismo!

**RAQUEL:** *O muriqui realmente é especial. Mas de que forma contribui com o conhecimento científico?*  
**KAREN:** É um primata muito parecido com o ser humano. Em alguns aspectos, é um modelo de como a gente poderia ser: pacíficos e solidários. Ao pensar na evolução humana, você sempre pensa na África (onde se descobriram tantos fósseis de hominídeos ancestrais) e nos primatas mais próximos geneticamente, como o chimpanzé e o gorila – que são modelos de comportamento

também. Até com os babuínos, que desceram das árvores para andar no chão, aprendemos sobre nossa história. As pessoas achavam que o “primata do novo mundo”, como o muriqui, não teria muito a ensinar sobre a evolução do ser humano. Eu também pensei, mas queria ver um modelo diferente. E os muriquis nos surpreenderam: em Caratinga, como a população foi crescendo, eles chegaram aos limites da mata e, sem ter mais onde ir, essa espécie arborícola encontrou uma solução para ter mais comida: desceu ao chão! O interessante é que, ao descer, passou a mostrar aspectos fascinantes de sua postura. Temos registros

de indivíduos andando em pé, sendo que eles têm o corpo moldado para se mover suspensos nas árvores; e conseguiram adaptar essa postura ao chão. Essa mudança de comportamento, esse potencial de adotar uma postura bípede para locomoção, essa flexibilidade, tudo isso é fantástico. Mostrei fotos e vídeos para um colega nos Estados Unidos que trabalha com evolução do bipedismo humano, e ele ficou “assustado”. Disse que estavam precisando de um modelo de primata que mostrasse essa capacidade – e outros primatas, como o chimpanzé, não conseguem ficar perfeitamente eretos. O muriqui, quando levanta, consegue, pela forma de

Quando seu habitat apresenta mudanças, o muriqui mostra flexibilidade de comportamento, mas mantém sua natureza pacífica

suas pernas e estrutura dos ossos. Acabamos de publicar um artigo comparando esse modelo. Ninguém teria imaginado que hoje estaríamos olhando para o muriqui para ter ideia de como foi a mudança no corpo humano – nos ossos, esqueleto e músculos – para se tornar bípede.

**RAQUEL:** *Para finalizar, conte da famosa Esmeralda, muriqui que chegou para fazer companhia aos dois machos da Reserva.*  
**KAREN:** Bom, dois machos não tinham muito futuro... Meus colegas, liderados por Fabiano R. de Melo, com ajuda da bióloga Fernanda Tabacow, descobriram uma fêmea em um distrito

chamado Esmeraldas de Ferros, na cidade de Ferros, em Minas. Ela estava isolada na mata procurando outro grupo. Durante meses, foi acompanhada pela equipe: os pesquisadores esperaram pacientemente ela se acostumar com eles, a capturaram e a levaram para a Reserva. Se tudo correr bem e ela ficar grávida logo, no prazo de 7,2 meses talvez nasça o primeiro filhote dessa população, que vai dar continuidade à diversidade genética dos machos de Ibitipoca. Essa seria a primeira etapa da preservação dessa população de muriquis, e uma grande conquista para a conservação em geral. É claro que uma fêmea

só não vai resolver todo o problema. Mas existe a possibilidade de trazer outra fêmea. Vamos ajudar essa população a voltar a crescer. O pessoal da Reserva já comprou novas áreas de mata e isso está permitindo a formação de corredores ecológicos entre os fragmentos. Com comida na mata e segurança contra a caça, a população tende a crescer. Acho inspirador pensar que aqui em Ibitipoca, onde já teve muitos muriquis, podemos ajudar seu repovoamento. Eles fazem parte do patrimônio dessa região, fazem parte do patrimônio brasileiro. Eu, sendo americana, por sorte, pelo meu carma, ganhei a oportunidade de participar de tudo isso.



© 2015 Stephen D. Nash/IUCN SSC Primate Specialist Group

**MURIQUI-DO-NORTE**

**Espécie:** *Brachyteles hypoxanthus*

**Gênero:** Brachyteles

**Subfamília:** Atelinae

**Família:** Atelidae

**Infraordem:** Platyrrhini

**Ordem:** Primatas

**Classe:** Mammalia

**Filo:** Chordata



“AI, ME DÁ UM ABRAÇO...”

O muriqui-do-norte, também conhecido como mono ou mono-carvoeiro, é o maior primata não humano das Américas e o maior mamífero endêmico do Brasil: chega a atingir 1,5 metro de altura e pesar 20 quilos. Pode viver mais de 40 anos, mas ocorre somente na Mata Atlântica. Há um século, estima-se que havia cerca de 100 mil muriquis; porém, a caça e o desmatamento reduziram drasticamente seu território. Com longos braços e cauda preênsil, o muriqui se movimenta com agilidade, desenvoltura, rapidez – e elegância – entre as árvores. Essa semelhança com a postura de um atleta o tornou candidato a mascote dos Jogos Olímpicos do Rio. A campanha pró-Muriqui 2016 contou com uma das mais respeitadas entidades de programas ambientais do mundo, a Conservation International (CI). Seu presidente, Russell Mittermeier, primatologista renomado, defendeu a candidatura: “O muriqui tem importância tão grande quanto o panda-gigante da China. É um animal realmente simbólico para o Brasil”.

Encontrado apenas em Minas Gerais, no Espírito Santo e no sul da Bahia, o muriqui é herbívoro e precisa de grandes áreas preservadas para sobreviver – e com isso se torna um “reflorestador natural”, dispersando as sementes. Solidários, eles procuram coletivamente o alimento e um ajuda o outro a passar pelas árvores, usando a cauda como ponte. Os filhotes vivem agarrados à mãe por dois anos, observando e aprendendo a selecionar alimentos.

De natureza dócil, o muriqui vive em grupo, sem hierarquia social. Machos e fêmeas se igualam em tamanho. Enquanto outros seres se subjugam ao macho alfa ou se agredem na disputa da cópula, o muriqui não apenas compartilha a fêmea como aguarda, abraçado aos amigos, sua vez na fila. Aliás, eles se abraçam por tudo e por nada: quando se sentem ameaçados, tristes, felizes, satisfeitos, famintos... Abraçam-se no chão e no ar, pendurados em suas fortes caudas.

SAIBA MAIS:

- :: [preservemuriqui.org.br](http://preservemuriqui.org.br)
- :: [iucnredlist.org/details/2994](http://iucnredlist.org/details/2994)
- :: [facebook.com/projetomuriquicaratinga](https://facebook.com/projetomuriquicaratinga)
- :: [facebook.com/muriquibiodiversidade](https://facebook.com/muriquibiodiversidade)
- :: [promuriqui.org.br](http://promuriqui.org.br)
- :: [strierlab.anthropology.wisc.edu](http://strierlab.anthropology.wisc.edu)
- :: [icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/plano-de-acao-nacional-lista/616-plano-de-acao-nacional-para-conservacao-dos-muriquis](http://icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/plano-de-acao-nacional-lista/616-plano-de-acao-nacional-para-conservacao-dos-muriquis)

## A RIQUEZA DOS ANFÍBIOS NA SERRA DO IBITIPOCA



*Aplastodiscus leucopygius*



*Thoropa miliaris*



*Brachycephalus sp.*

Um dos maciços montanhosos mais interessantes do Brasil, a Serra do Ibitipoca forma uma elevação bem destacada das baixadas e morros policonvexos vizinhos, atingindo altitudes de até 1.784 metros (Morro da Lombada). Divisor das bacias dos rios Grande e Paraíba do Sul, abriga uma biodiversidade exuberante. No grupo dos anfíbios anuros temos uma de suas maiores riquezas faunísticas: já registramos 40 espécies de sapos, rãs e pererecas (como são comumente chamados), a maioria característica das regiões montanhosas do Sudeste brasileiro. Nessas montanhas e serras do Ibitipoca há espécies que vivem exclusivamente no interior das matas ombrófilas de altitude, ocupando arbustos e arvoretas do sub-bosque, como a perereca de vidro do gênero *Vitreorana* (*V. eurygnatha* e *V. uranoscopa*), que deposita seus ovos de forma aderente em folhas suspensas sobre riachos encachoeirados, e a perereca preguiça (*Phasmahyla cochranæ*), que enrola seus ovos em folhas, formando cartuchos reprodutivos. As duas espécies adotam essa tática

para retirar seus ovos do ambiente aquático, evitando predadores durante a desova e no estágio precoce das larvas. Também ocupam a vegetação das matas as pererecas dos gêneros *Aplastodiscus* (*A. arildæ* e *A. leucopygius*) e *Bokermanohyla* (*B. nanuzæ* e *B. ibitipoca*). As espécies de *Bokermanohyla* são chamadas de pererecas listradas, em função das barras verticais nas pernas. *Bokermanohyla nanuzæ* ocorre nos capões de mata ao longo de toda a serra, ocupando a vegetação marginal dos riachos. Já *B. ibitipoca* prefere coaxar em frestas e cavidades formadas por raízes de árvores e arbustos, onde depositam seus ovos. As espécies *Aplastodiscus* são chamadas de pererecas verdes, devido à sua coloração característica, e passam grande parte da noite em atividade sobre folhas e galhos da mata, muito bem camufladas. Os animais possuem, cada um, um coaxar característico, que pode ser ouvido mesmo a grandes distâncias; no entanto, na maioria das vezes, eles ficam empoleirados a mais de cinco metros no sub-bosque, dificultando sua precisa localização.

No interior das matas, há espécies que aproveitam a densa camada de folhiço e serrapilheira como habitat preferencial. O sapinho pingo de ouro (*Brachycephalus sp.*), de coloração amarela intensa, ocupa esse ambiente e pode ser observado de dia, emitindo cantos trinados semelhantes aos do grilo. Ele deposita seus ovos durante a estação chuvosa e, quando o ovo eclode, o filhote tem o corpo já todo desenvolvido, não enfrentando a fase larval aquática. Esse anfíbio nunca foi observado no interior do Parque – seu registro é exclusivamente em matas de altitude na Reserva do Ibitipoca, valorizando ainda mais o cinturão de proteção das áreas vizinhas do Parque. Outras espécies típicas de folhiço, mas que não se limitam a ambientes de

mata, são as dos gêneros *Ischnocnema* e *Haddadus*. Também apresentam desenvolvimento direto e são observadas com frequência na borda de matas e em campos gramíneos. São rãzinhas típicas do verão, quando a umidade aumenta fora das matas, proporcionando aos andarilhos escutar pequenos assobios trinados ao longo das trilhas, mesmo de dia. Ainda temos o sapinho de chifres (*Proceratophrys mantiqueira*), que tem expansões dérmicas sobre os olhos. Ocorre sempre no interior das matas, preferindo locais alagados, onde emite um canto rouco e prolongado, contribuindo para a complexa sinfonia noturna da mata. Ainda que haja poucas lagoas e charcos com água parada na serra, esses ambientes abrigam anfíbios

característicos, como o sapo amarelo (*Rhinella icterica*), o sapinho de verrugas (*Odontophrynus americanus*), a rã-cachorro (*Physalaemus cuvieri*), a perereca ferreira (*Hypsiboas faber*), a perereca da lagoa (*Hypsiboas albopunctatus*) e a perereca de pijama (*Hypsiboas polytaenius*). Essas espécies são de ampla distribuição no Sudeste do Brasil e podem ocorrer em ambientes muito alterados, sem muita preferência por habitats preservados. No entanto, outras espécies típicas de poças parecem ocorrer restritamente em certos locais, como *Trachycephalus imitatrix* e *Scinax squalirostris*, localizados em área aberta na Lagoa Seca. Esse ambiente de água parada, circundado por campos rupestres e florestas altimontanas, é ímpar no Ibitipoca e atrai também a rã bicuda

*Elachistocleis cesari*, que possui reprodução explosiva. Após fortes chuvas, vários indivíduos dessa espécie aparecem simultaneamente, se reproduzem freneticamente e desaparecem. Também ocupa esse habitat a rãzinha pintada *Physalaemus rupestris*, que por muitos anos era conhecida apenas na Serra do Ibitipoca. Hoje se sabe que ela existe também na vizinha Serra Negra, ocupando pequenas poças no interior de florestas de altitude. Outra espécie curiosa é a rã das pedras *Thoropa miliaris*, que tem preferência por paredões rochosos, mesmo fora das matas, onde coloca seus ovos. Seus girinos são observados em filetes de água temporária que escorrem nesses paredões ou lajes de pedra, onde se desenvolvem e se metamorfoseiam. Já a rã assobiadeira

*Leptodactylus cunicularius* constrói pequenas galerias subterrâneas fora das matas, onde deposita seus ovos – posteriormente, com a inundação da área, os girinos vão para as poças. A maioria dos anfíbios é noturna e prefere desenvolver suas atividades nos meses quentes e chuvosos; com exceção da rãzinha *Hylodes amnicola*, que é diurna e se reproduz o ano todo. Ela fica durante as horas mais quentes do dia ao longo do Rio do Salto, posicionada sobre rochas emergentes da água, e na região da Ponte de Pedra, vocaliza quase lado a lado com os turistas. Já as pererecas do gênero *Scinax* (*Scinax flavoguttatus* e *Scinax luizotavioi*) ocorrem

no interior das matas e, surpreendentemente, preferem vocalizar e se reproduzir no período frio e seco, quando os riachos estão mais baixos e propiciam as desovas em raízes e galhos bem próximos ao curso d'água. A variação nas preferências de habitats permite que várias espécies convivam na mesma área, compartilhando recursos oferecidos pelo meio. O grande mosaico de tipos vegetacionais e os ambientes particulares da serra proporcionaram essa incrível diversidade de anfíbios, caracterizando Ibitipoca com um dos locais de maior riqueza de espécies em área tão reduzida na Mata Atlântica do Sudeste do Brasil.

### SAIBA MAIS:

:: *Anfíbios do Ibitipoca*. Cruz, C.A.G.; Feio, R.N. & Caramaschi, U.; Murta, R. Bicho do Mato Editora, BH. 2009.



*Bokermanohyla nanuzæ*



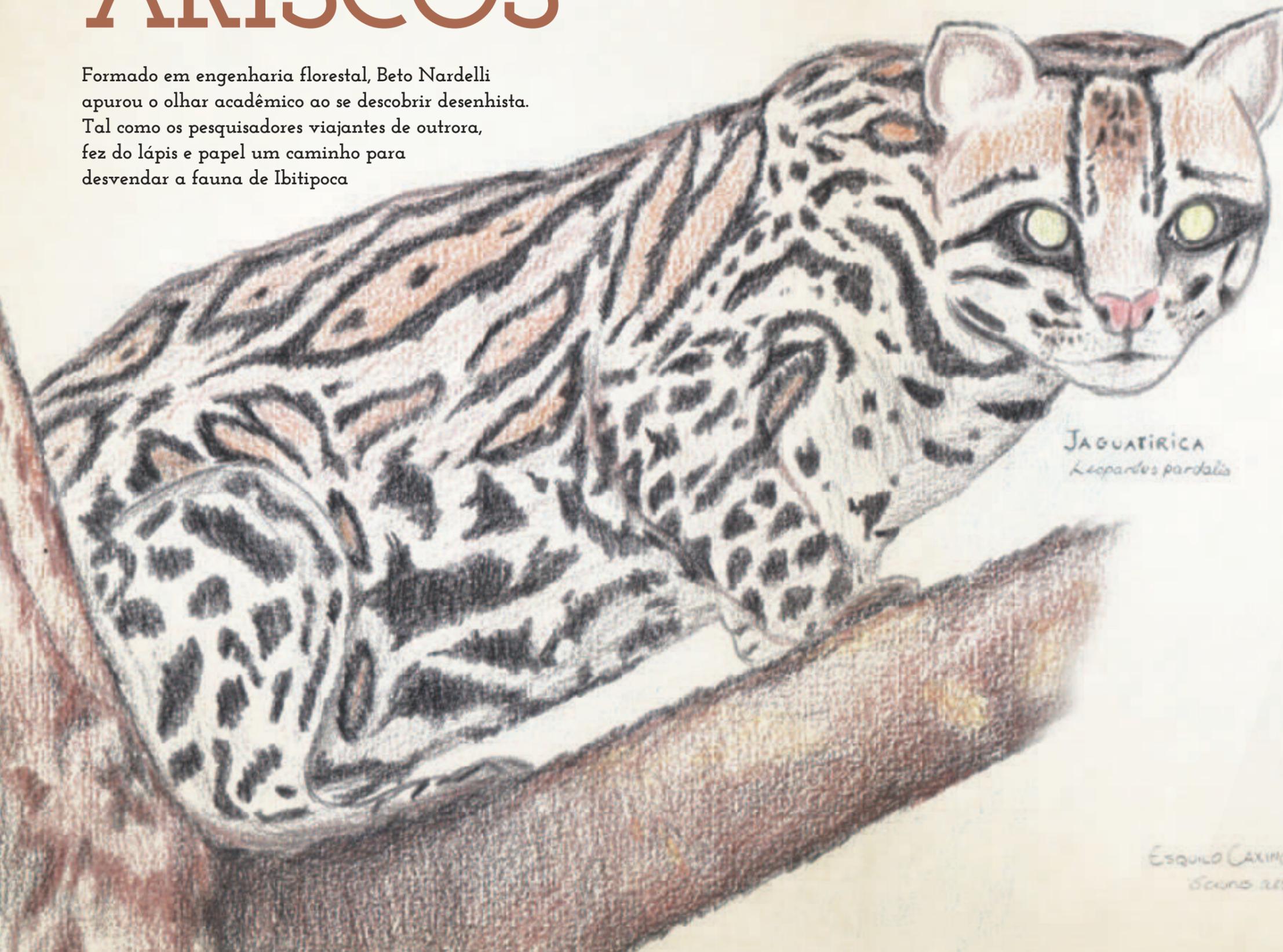
*Aplastodiscus arildæ*

# RABISCOS ARISCOS

Formado em engenharia florestal, Beto Nardelli apurou o olhar acadêmico ao se descobrir desenhista. Tal como os pesquisadores viajantes de outrora, fez do lápis e papel um caminho para desvendar a fauna de Ibitipoca

Ilustrações e texto: *Beto Nardelli*

**A**té um ano atrás, eu não conseguia desenhar coisa alguma com o mínimo nexu. Mas gosto de aprender e, depois de terminar meu último curso, andava carente de uma sala de aula com professores e alunos; ou melhor, colegas e amigos. Certa manhã, tive uma epifania: "Vou entrar para uma escola de arte." Bem, aí as coisas foram acontecendo; com muito sacrifício, comecei a desenhar objetos, passei para rostos, gordinhas gostosas, esbocei nus, monstros sinistros e cenas de esportes. Por último, escolhi a fauna de Ibitipoca. Comecei com meus animais preferidos: tenho fascínio pelos felinos, eles são tão... felinos! Bichinhos que adoro observar são os serelepes esquilos, me encanta vê-los tão elétricos e engraçados – são todos eles ou Tico ou Teco. Também temos visto bastante, e em bandos, os catetos, ou porcos-do-mato. Que bom que eles resistem, pois o impactante e exótico javali europeu está chegando perto, fazendo bagunça na região da Bocaina.



JAGUATIRICA  
*Leopardus pardalis*



ESQUILO CAXINGUELÊ  
*Sciurus aestivus*



CAPIVARA  
*Hydrochoerus hydrochaeris*



CANGANBA  
*Conepatus semistriatus*

Nos meus desenhos temos uma gafe repassada: ao mostrar para um mateiro do nosso grupo a imagem do tatu, ele foi categórico ao dizer que "rabo de tatu não *droba*". De fato, nunca vi um rabo de tatu *drobado*.  
Ibitipoca é a macacada reunida! Temos seis espécies: o pacífico, grande e apaixonante miquiqui-do-norte; o levado, gaiato e inteligentíssimo macaco-prego; o barulhento e belo bugio (também chamado de barbado), o cantante e gracioso sauá, além de duas espécies de saguis.  
Sinto pena é da cascavel. Uma cobra musical, tão bonita, mansa, mas com um veneno poderosíssimo, usado quando caça ou quando infelizmente pisamos nela.



Lobo Guará  
*Chrysocyon brachyurus*

IRARA  
*Eira barbara*

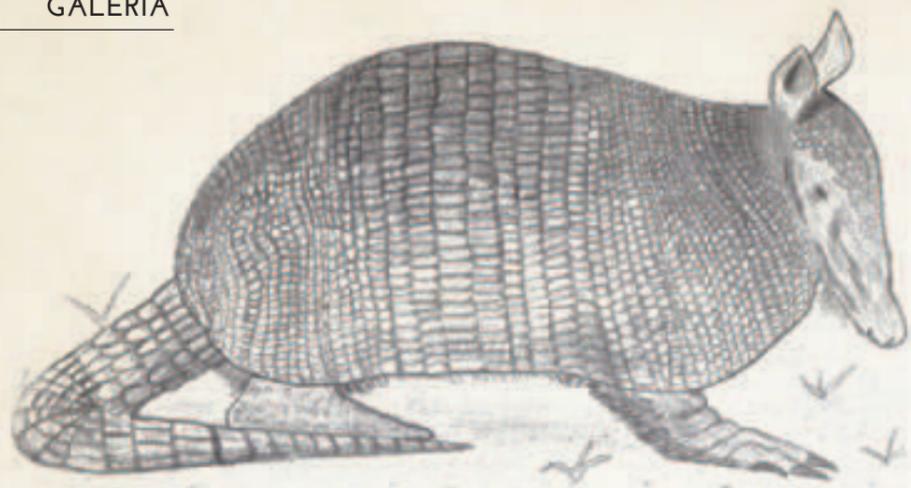
De quem ouvíamos sempre falar, mas ainda não tínhamos avistado, é o famoso comedor de formiga. Esse desenho do tamanduá-mirim (ou de colete) se baseou na captação de uma câmera escondida em uma mata da Reserva. Um bichinho muito bonitinho, mas muito fedido, é o cangambá, aquele gambá com listra branca nas costas, imortalizado pelo romântico francês Pepe Le Pew, que se apaixona por Penelope Pussycat na animação da Warner Bros.  
Por último, os dois grandes, os reis do pedaço: a onça-parda e o lobo-guará. Cada dia há novos registros de que esses animais, ameaçados de extinção, são avistados. E isso nos deixa muito, muito felizes, pois sinaliza a riqueza do ecossistema.



BUGIO, BARBADO, GUACIBA  
*Alouatta seniculus*

TAMANDUÁ MIRIM  
*Tamandua tetradactyla*





TATU GALINHA  
*Dasyurus macranchetus*

CATETO  
PORCO DO MATO  
*Pecari tajacu*



MACACO PREGO  
*Sapajus libidinosus*



SUSSUARANA, ONÇA PARDA, PUMA  
*Puma concolor*



CASCAVEL  
*Crotalus durissus*

“Ao mostrar para um mateiro do nosso grupo a imagem do tatu, ele foi categórico ao dizer que ‘rabo de tatu não droba’. De fato, nunca vi um rabo de tatu drobado.”

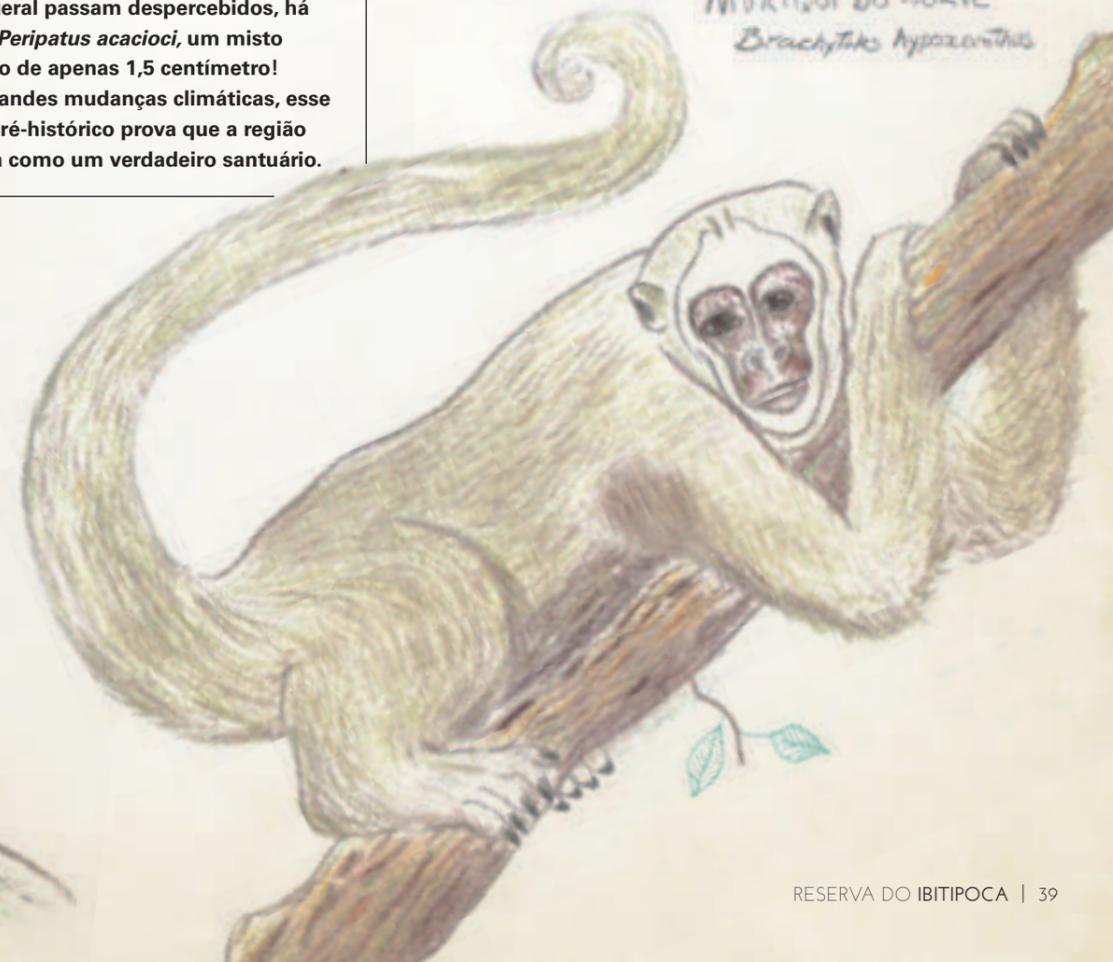
CUICA  
*Cavia moreletii*



SANTUÁRIO DE TODOS

A Reserva e o Parque Estadual do Ibitipoca não têm por símbolo um animal em especial, o que indica a valorização do ecossistema como um todo e a importância da relação entre as espécies. O lobo-guará tem seu carisma; a onça-parda, seu fascínio; o sapinho pingo de ouro, seu mistério. Entre as quase três centenas de pássaros, difícil seria eleger o mais belo ou interessante. Mesmo quando o tema são seres que em geral passam despercebidos, há surpresas, como o *Peripatus acacioci*, um misto de minhoca e inseto de apenas 1,5 centímetro! Sobrevivente de grandes mudanças climáticas, esse raro invertebrado pré-histórico prova que a região merece ser cuidada como um verdadeiro santuário.

MURIQUE DO NORTE  
*Brachyteles hypoxanthus*





De grande valor ambiental, a Gruta dos Andorinhões é uma capela natural, um convite à meditação



# PÉ NA ESTRADA

*“O que torna a Reserva tão especial? Natureza, arquitetura, arte, preservação? Durante horas, subi e descii morros com essa pergunta em mente. Em meio aos sacolejos da viagem, a resposta surgiu límpida como o céu de inverno”*

RAQUEL RIBEIRO

**A**o volante, Aroldo de Oliveira permanecia quieto, concentrado; no papel de copiloto, o espirituoso Reginaldo Fagundes, o Régis responsável por manutenção/obras e atual sócio da Pousada. Ao meu lado, a gerente da Reserva Raquel Pazos, uma juiz-forana que entra na sintonia caipira com invejável desenvoltura. Entre causos de onça, assombração e pilhérias sem fim, Régis mostrava as belezas naturais no caminho para o Areião, um lado da Reserva fronteiro à face norte do Parque. Uma intervenção artística ao estilo *land art* dava charme extra à divisa entre Bias Fortes e Lima Duarte. Como a natureza ignora fronteiras, um muro de seixos margeando a estrada da Gruta Funda formava um arco simbólico entre os dois municípios. Os encaixes entre as pedras são tão

perfeitos que prometem durar uma eternidade. “Não precisa de manutenção”, garante Régis, do alto de seus dez anos de trabalho na Reserva. Pau pra toda obra, confiante e confiável, ele reflete o perfil dos funcionários. “Ele é um talento! Tem paixão por isso aqui. Começou no almoxarifado e é um caso de ascensão: hoje domina tudo!”, elogia Raquel Pazos. Ao longo do trajeto, encontramos Antônio Rosa, morador antigo da região e um dos primeiros funcionários da Reserva. Sorridente e solidário, é conhecido como o amigo dos micos e, caso você goste de puxar um dedo de prosa, eis a pessoa certa: se der corda, ele conta do tempo em que havia apenas a monotonia dos pastos naqueles morros e vales. “Hoje tá bonito de mata e de bichos. Vejo lobo, onça, macaco, lagarto. Jacu aumentou muito; o que diminuiu foi tatu, porque tem muito predador. Onça, se tiver filhote, você não pode chegar perto, mas ela não vem atacar a gente, não. Minha preocupação é a seca... Tem de ficar muito atento à fumaça. A maioria do fogo é de



Garnet, o ponto mais alto da Reserva; Crude Awakening, as surpreendentes estátuas de Karen Cusolito; e a Árvore dos Sete Cavaleiros. Reza a lenda que em seu oco já se protegeram da chuva sete homens que viajavam a cavalo

Algumas das espécies da flora identificadas por Viagem, o portal de seixos que remete à land art e indica a divisa de municípios. A singela queda-d'água "descoberta" por Régis

gente que coloca quando o mato tá alto... Não vê que isso prejudica até a própria pessoa?!" filosofa. Ibitipoca é uma das terras mais ricas do mundo em quartzito (minério branco condutor de eletricidade) e, por consequência, uma das regiões com maior incidência de raios do Brasil. Somando esse fato ao prolongado período anual de seca e ao perigoso hábito de queimar pasto, temos um lugar bastante suscetível a incêndios! Quem já ajudou a apagar muito fogo e hoje observa com orgulho a volta de animais para a região é Marciano Júnior (Chinha), ex-funcionário da Reserva, brigadista, guia e dono de pousada. "Abri meu negócio porque confio no potencial da Reserva e do Parque." Filho de uma família tradicional, os Fortes, Chinha defende o patrimônio ambiental de Ibitipoca como se fosse seu próprio quintal. "Não podemos deixar perder o brilho disso aqui! Preservação e segurança devem estar em primeiro lugar."

#### NOS PASSOS DE VIAGEM

O silêncio que reina em um trekking ou passeio de bicicleta potencializa a chance de se observar aves, mamíferos, répteis e a exuberante variedade da

flora, principalmente se você seguir os passos de Ricardo Gomes, já falecido. Mais conhecido como Viagem, esse entusiasmado botânico mapeou espécies e comprovou a rica diversidade da Reserva. "Ele era uma pessoa muito querida e adorava transmitir seus conhecimentos", comentou Raquel ao apontar uma das árvores identificadas por ele. Viagem agora é o nome do caminho que leva até Mogol, um vilarejo quase fantasma, e pode ser lembrado toda vez que descobrimos um mulungu ou uma araucária devidamente classificados. Ao longo do percurso, reparei também nos pequenos fazendeiros que ainda sobrevivem da terra. São poucos – boa parte já optou por morar na cidade –, e o cenário onde vivem parece até ter estacionado no tempo. Casinhas antigas, galinhas e patos ciscando no terreiro, lenha amontoada, hortinha modesta, vacas no curral, uma calmaria sem fim que remete ao grande escritor que abriu porteiras do interior das Gerais deixando escapar sua sábia poesia. "Tudo, aliás, é a ponta de um mistério, inclusive os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece há um milagre que não estamos vendo", escreveu Guimarães

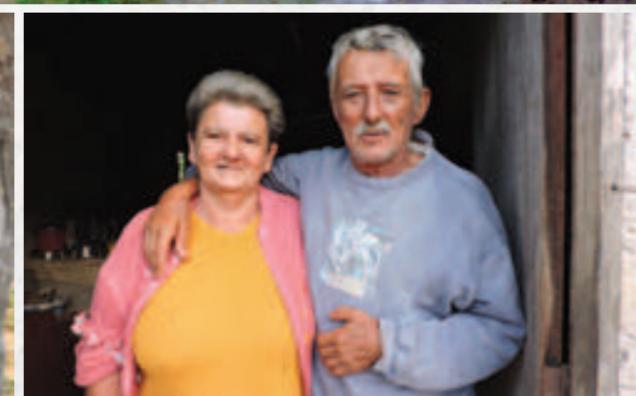
Rosa. Pois quem nos deixou entrever traços de beleza escondidos na dureza da lida na roça foi dona Cidinha.

Depois de atravessar morros e matas, vê-se um vale e, ao fundo, uma daquelas típicas casas mineiras do ciclo do ouro. Meticulosamente reformada, repleta de fotos nas paredes e objetos antigos, a sede da Fazenda Boa Vista é um dos pontos mais significativos de apoio e de passeio da Reserva. Construída há mais de dois séculos pela família de Maria Aparecida de Paula, a dona Cidinha, essa casa respira história! Ali ela morou com os pais até fugir para casar com Daniel – típica travessura de mulheres porretas da roça. Enquanto nossa turma se fartava de arroz, feijão, linguiça e couve preparados no fogão a lenha, Cidinha costurava alegres lembranças, pontuando as histórias com inesquecíveis gargalhadas. Raquel e Régis provocavam, davam corda; e assim voltamos no tempo, viajando nas festas, nos banhos no lago, na dança em volta do fogo plantado no chão da sala e nas brincadeiras de outrora. "Sem televisão, a gente se divertia muito." Nem por isso aquela cozinheira de mão cheia

mostrou se apegar ao passado – afirmou gostar de contar os causos para as "raízes não se perderem".

#### NEVE DAS MINAS

Perto da sede da fazenda encontramos um novo e importante núcleo da Reserva: três gigantescos viveiros para hospedar aves e mamíferos apreendidos pelo Ibama. Eles são a base do Projeto Asas (Área de Soltura de Animais Silvestres); uma parceria com o IEF/Ibama, que se iniciou em 2016 com a coordenação do Instituto Brasileiro de Proteção à Natureza (IBPN). Rogério Caldas, engenheiro florestal e presidente dessa ONG, conta que a maior parte dos animais apreendidos são aves, algumas ainda filhotes, geralmente vítimas de tráfico. "Chegam estressadas, maltratadas e precisam de um destino protegido e adequado. A Boa Vista é perfeita, pois fica perto do lado mais intocado do Parque", diz Rogério, que foi o responsável pelo recebimento e manejo dos primeiros grupos de fauna do projeto Asas. "Os animais resgatados quase sempre requerem um tempo de recuperação e muitos precisam aprender a sobreviver; por isso estimulamos os que são



Sob a onipresente Pedra do Gavião, a Casa do Benjamin é uma referência de antiga construção fielmente restaurada. Entre as joias raras da Reserva estão Aroldo, nosso atencioso motorista, o alegre José Vicente, e Régis, um incansável contador de causos

A Tumba, obra do artista chinês Zhang Huan, está em perfeita harmonia com o branco dos tapetes naturais de quartzitos. Emoldurada por uma legítima parede de pau a pique, Raquel Pazos; e os eternos apaixonados Cidinha e Daniel

predadores a caçar, disponibilizamos frutos iguais aos que vão encontrar na região e evitamos ao máximo o contato com o homem.

A interação é perigosa: o animal não pode ver um caçador como amigo”, explica o especialista, que também é advogado ambientalista e espera resposta positiva das autoridades legais para reintroduzir a arara-vermelha-grande, que habitou a região até o início do século 19.

Em 2016, a Reserva recebeu autorização para ser uma das 100 áreas de soltura no país e já hospedou paca, tucano, maritaca, arara-maracanã, trinca-ferro, entre outros animais. A expectativa é que o papagaio-de-peito-rosa, espécie ameaçada de extinção, venha a se abrigar por lá.

Enquanto as araras não voltam a povoar os céus de Ibitipoca, imperam por lá diversos gaviões e o majestoso urubu-rei, assim classificado devido ao respeito que impõe aos outros carneiros. Além da ampla envergadura (chega a 1,80m), apresenta uma nobre plumagem.

O urubu-rei combina perfeitamente com cenários épicos do lugar, como o Areião, próxima parada após a Boa Vista. Em grande parte do solo deste

e de outros trechos da Reserva, trilhões de partículas de rochas quartzíticas desmembradas pelo tempo formaram enormes tapetes brancos. Pela fartura desses grãos que parecem areia, foi assim batizado esse lugar. Quem nos recebeu ali foi José Vicente de Paula, experiente mateiro e morador antigo. “Não gosto de cidade, não. Gosto dos bichos, da tranquilidade daqui.” Esse pedaço da Reserva do Ibitipoca é mesmo sinônimo de sossego: redes presas a centenárias jabuticabeiras convidavam ao *dolce far niente*. Mas os últimos raios de sol já se esparramavam pela terra... Hora, pois, de pegar o caminho de volta. Durante o sacolejar da estrada, debaixo de um límpido céu de inverno, relembrando os encontros e as histórias que ouvimos, veio a certeza de que o que torna a Reserva tão especial são as pessoas que lhe dão alma.

#### UM ORATÓRIO VIVO

O segundo dia de passeio nos apresentou com outras – e inesquecíveis – surpresas. Saindo do Engenho (onde fica a sede da pousada) em direção ao norte, após meia hora morro acima, a estrada

penetra numa antiga mata. Quando o carro elétrico para, somos circundados pelos sons dos pássaros e pelo farfalhar das folhas. Uma breve trilha leva a um verdadeiro santuário, coração desse ecossistema mágico: a Árvore dos Sete Cavaleiros. Diz a lenda que, no amplo espaço oco de seu tronco, um grupo inteiro de homens a cavalo encontrou refúgio durante uma tempestade. Nesse vestíbulo de madeira viva, a luz entra por formosas rendas desenhadas pelas raízes; a imponência, a solidez e a generosidade dessa tataravó do reino vegetal nos envolvem com uma atmosfera meditativa. O silêncio reina, eu me calo diante da eloquência da natureza e sigo andando, em sincera devoção, pelo Jardim das Bromélias. O verde fechado das copas se dispersa aos poucos e uma nova paisagem vai se revelando enquanto atravessamos a onírica trilha branca – formada pelo quartzito pulverizado –, margeada por uma quantidade surreal de orquídeas e bromélias, num paisagismo natural digno dos desenhos de Debret (membro da Missão Artística Francesa, de 1816). A trilha termina no Garnet, topo de uma montanha de 1470 metros de altura, onde a única presença

humana se resume a um rancho com uma grande mesa rústica, uma pequena cozinha e uma vista deslumbrante. No jardim de flores selvagens e arbustos rasteiros, dois sugestivos balanços arrebatam minha atenção e para eles me dirijo, ainda hipnotizada. Volto a ser criança, deixando o vento acariciar o rosto, enquanto me embaloo acima de um longo vale de morros pelados e vejo ao longe a pequena vila de Mogol. Ao fim do dia, a sorte nos saudou com um novo espetáculo: a caminho do extremo sul da Reserva, vimos dezenas de pássaros que faziam acrobacias no ar para subitamente serpentear em um arriscado rasante através de um desfiladeiro, até finalmente mergulhar no que parecia uma caverna. Seguimos seus rastros até a gruta e observamos diversos taperuçu-de-coleira-falha (*Streptoprocne biscutata*) agarrados pelas unhas às paredes da gruta, como fazem os morcegos, para passar a noite, a poucos metros de uma idílica cachoeirinha subterrânea. A espécie, que se alimenta de insetos em pleno voo e parece uma grande andorinha com gola de penas brancas, é uma ave migratória que tem Ibitipoca



Centenárias jabuticabeiras garantem sombra a quem descansa nesse belo trecho conhecido por Areião

na rota habitual: costuma chegar em agosto e ficar até fevereiro. Em sua homenagem, o aconchegante refúgio se chama Gruta dos Andorinhões. Pouco depois dessa gruta, nos deparamos com a *Tumba*, uma obra de arte de indelével brancura. Concebida pelo artista chinês Zhang Huan, ela remete à sacralidade de um templo. Na China, ainda existe a tradição de o morto ser enterrado junto a alguns de seus bens e de o túmulo ser decorado com imagens de deuses, como o Dragão

Azul-Celeste e o Tigre Branco. “Originalmente, a urna era utilizada para guardar objetos valiosos; a proposta do artista em ‘explodir’ a dimensão apresentando um espaço vazio é mostrar que as coisas mais valiosas não são coisas, e o ‘bem’ mais importante é algo imaterial”, diz Marcello Leite Barbosa, responsável pela instalação da obra na Reserva. Inspirados na sabedoria budista, deixamos o vazio, o silêncio e um entardecer magnífico fecharem magistralmente nosso passeio.

## ESCOLHA SEU RUMO

Há diversos roteiros planejados para ser feitos a pé, a cavalo, de bicicleta ou em carro elétrico:

**PEDRA DO GAVIÃO** – O passeio completo, de 15 km, leva ao topo da Pedra do Gavião, com vista para o Parque Estadual do Ibitipoca, cachoeiras, a sede da Fazenda do Engenho, povoados, vales e montanhas. No percurso, ficam a *Árvore dos Sete Cavaleiros*, o *Jardim das Bromélias* e a *Gruta do Sol Nascente*.

**CIRCUITO DA ARTE** – O trajeto, de 8 km, inclui as obras *Lost in the Wind*, de Max Tolentino, *vacas do movimento CowParade*, as estátuas de *Karen Cusolito* e a *Casa do Vento*, recente instalação de *Cornelia Konrads*.

**GRUTA DOS ANDORINHÕES** – No percurso há belos trechos de floresta, cenários de areia branca repletos de cactos e a bela *Gruta dos Andorinhões* (fechada na época em que os pássaros a usam como dormitório). O passeio pode incluir o *Museu*, uma casa antigade pau a pique decorada com objetos de época.

**BOA VISTA** – Após 17 km de percurso chega-se à antiga fazenda, onde é servido um almoço caseiro. Depois, há banho de cachoeira ou descanso na rede. Na volta, assiste-se ao pôr do sol no *Garnet*.

**RAFTING NO RIO DO SALTO** – Rafting de 2 km pelo *Rio do Salto* (somente após grandes chuvas).

**DESCIDA DO CÂNION DAS ANDORINHAS** – Divertida aventura de até 4 horas pelas águas, em que se desce nadando, escorregando, subindo e descendo pedras, e passando pela caverna submersa.

**CIRCUITO DAS ÁGUAS** – Caminhada pela mata até a margem do *Rio do Salto*, que desce do *Parque Estadual do Ibitipoca*. Ao longo do percurso de 8,4 km há vários pontos para um refresco: *Lago Negro*, *Cachoeiras do Engenho*, do *Gritador* e da *Lage*, além de pequenos poços ideais para banho.

**ARRAIAL MOGOL** – Passeio completo de 15 km, passando por vales e montanhas, até o pequeno povoado, que mantém suas características originais.

**ESCALAMINHADA DA CONCHA DOURADA** – Trajeto alternativo (e emocionante) para chegar às piscinas naturais andando pelas pedras do *Rio do Salto*.

**CHEGADA DOS ANDORINHÕES** – Em outubro e novembro, ao pôr do sol, observação do espetáculo dos bandos de aves entrando na gruta.

**ENTORNO DO PARQUE** – São 55 km de um percurso que circunda grandes extensões de mata e paredões de pedra, por onde descem cachoeiras. Pode-se almoçar na *Fazenda Boa Vista*, depois continuar até o *Areião*. No trajeto ficam os viveiros do projeto *Asas*, a *Mata do Luna* (onde vivem os *muriquis*), a *Cachoeira das Sete Quedas* e a comunidade dos *Moreiras*.

**PARQUE ESTADUAL DO IBITIPOCA** – No Parque há três passeios clássicos: *Pico do Pião*, *Janela do Céu* e *Circuito das Águas*. Apesar de estar ao lado da Reserva, o lugar tem uma paisagem distinta. Imperdível!





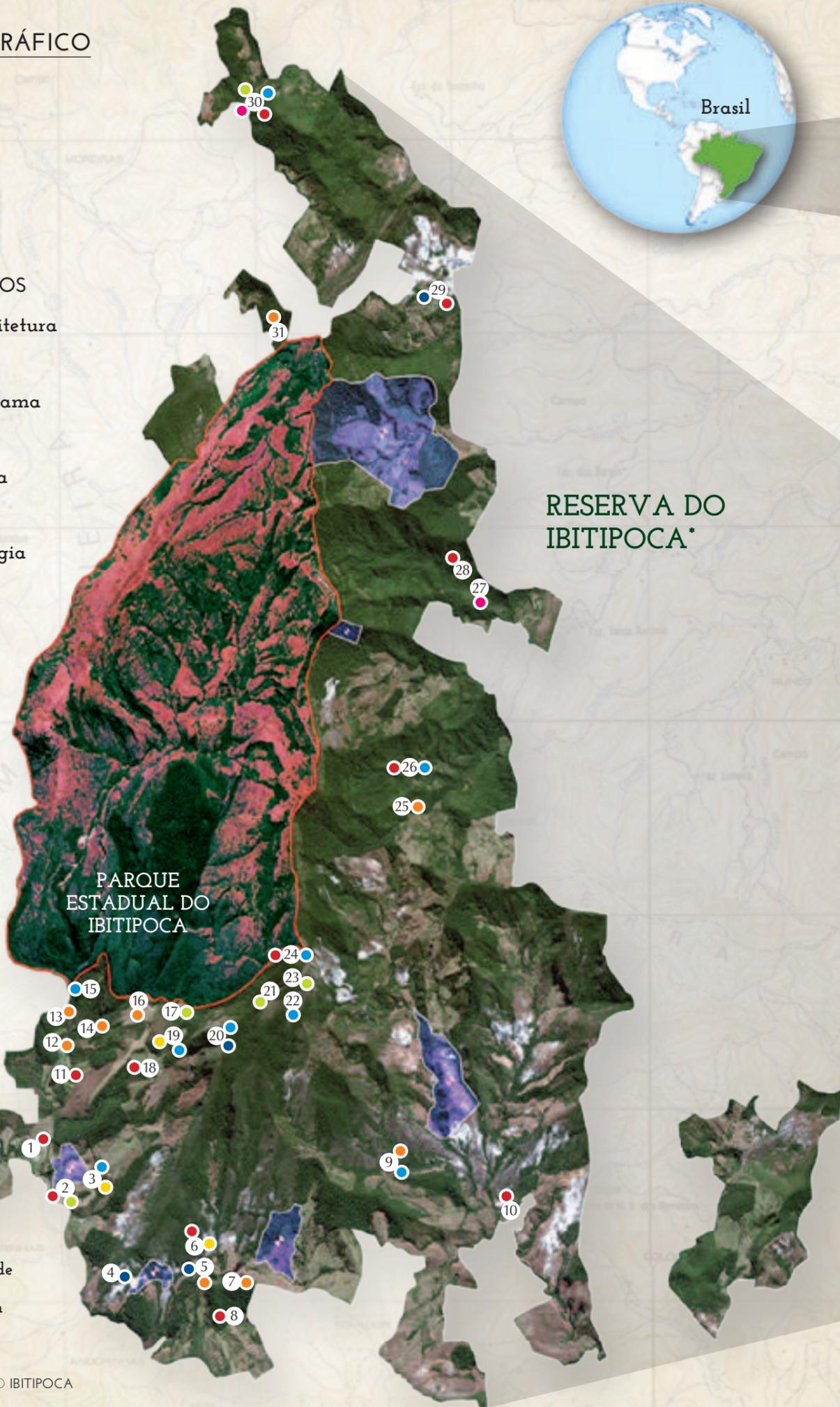
Nada como um mapa detalhado para dar a ideia da dimensão desse projeto, que já ocupa uma área com mais de 40 km<sup>2</sup>



# PRESERVAÇÃO SUPERLATIVA

ATRATIVOS

- Arquitetura
- Arte
- Panorama
- Água
- Fauna
- Flora
- Geologia



RESERVA DO IBITIPOCA\*

PARQUE ESTADUAL DO IBITIPOCA

\*As áreas pintadas de roxo não pertencem à reserva.

1. Pousada (Fazenda do Engenho)
2. Baía, hortas e fazendinha
3. Casa do Vento
4. Areias
5. Gruta dos Andorinhões
6. Tumba
7. Lago do Fernandinho
8. Museu
9. Pamonan
10. Arraial do Mogol
11. Fazenda Viradouro
12. Prainha
13. Lago Negro
14. Cachoeira do Gritador
15. Mirante do Macaco
16. Piscinas
17. Limeiras
18. Zico & Benjamin
19. Tatu Sentado (Esculturas)
20. Pico do Gavião
21. Árvore dos Sete Cavaleiros
22. Rancho do Garnet
23. Jardim das Bromélias
24. Eagle's Nest
25. Cachoeira Patuá
26. Patuá
27. Fazenda Boa Vista
28. Viveiros
29. Fazenda do Areião
30. Mata do Luna (Muriquis)
31. Sete Quedas



# TRANSPIRAÇÃO



*KAREN CUSOLITO criou várias instalações de arte públicas em Boston até se mudar para San Francisco, em 1996. Sobre a presença forte da temática do corpo em sua arte, comenta: "A forma humana é uma arena rica, na qual se pode explorar e expressar emoção, intenção e desafio". Humanidade, meio ambiente e o "equilíbrio delicado entre os dois" formam seu foco primordial. Com pouco mais de 1,60m, menos de 50 kg, ela desafia estereótipos. Equipada de capacete, maneja uma pesada máquina de soldagem muitos metros acima do chão e comanda homens, escavadeiras e guindastes. De quebra, ensina a ver as coisas por múltiplos ângulos: "Quando se trabalha em escala, é importante parar, descer ao chão, caminhar alguns metros e então ver o contexto da obra e como todas as coisas se desenvolvem juntas."*



*As esculturas de Karen Cusolito em posturas de reverência, humildade, oração, alegria, iluminação, paz e arrebatamento carregam uma mensagem: estamos indelevelmente conectados à terra*

SELMA VITAL

# X INSPIRAÇÃO

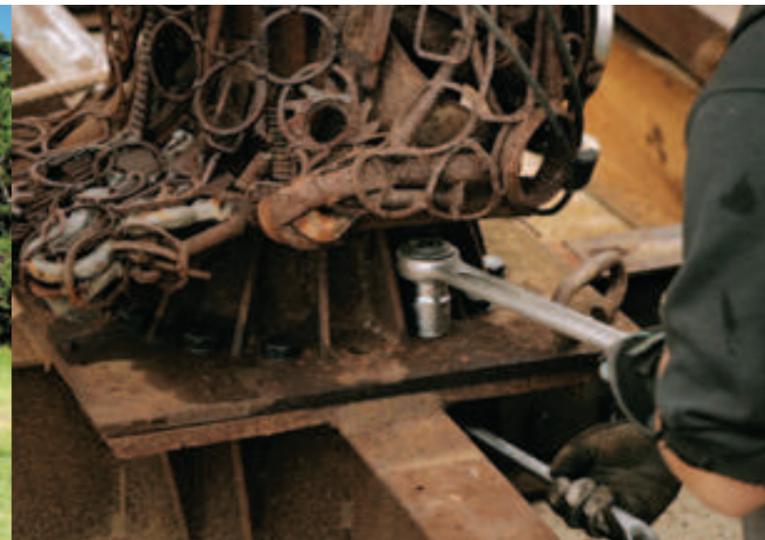


**I**ntegradas a uma paisagem magnífica, as gigantescas esculturas de ferro são icônicas da filosofia da Reserva. Composto de sete figuras, cujo peso chega a 6 toneladas e 9 metros de altura, o conjunto foi instalado na Pedra do Tatu, de onde se vislumbra um pôr de sol que empresta às personagens uma aura especial. No entanto, quando os visitantes pousam os olhos sobre essas obras, testemunham somente o ápice de uma longa trilha de inspiração, movimento e transpiração.

Margaret, o operador do guindaste e eu corremos em busca de abrigo na casa da montanha, e a pobre Brittany tentava manter tudo dentro do plano... Fizemos capas de chuva de sacos de lixo e, no fim de cada dia, eu secava botas, luvas e calças perto da lareira”, diverte-se. A aventura incluiu até carona numa carreta puxada por um trator. “A estrada era estreita e os barrancos laterais bem acentuados. Foi assustador!” Apesar de tamanha agitação, nada disso vem à mente quando se contempla

instalação das obras. “Em setembro de 2011, minha gerente deu meu cartão de visitas a alguém que tinha passado no estúdio e perguntado sobre as esculturas. Algumas semanas depois, recebi um e-mail da Reserva do Ibitipoca, informando sobre o projeto e me convidando a experimentar o lugar por mim mesma. Fiquei superfeliz, tudo parecia mágico e perfeito. Mesmo assim, Karen não respondeu à mensagem imediatamente. “Levei mais de um mês, porque estava muito nervosa. Finalmente nos comunicamos e combinamos a

Karen: “Não posso descrever a alegria que senti quando vi a mata exuberante sendo encorajada a tomar a terra de volta, a água clara e abundante jorrando das encostas e correndo no leito dos rios perpetuamente, papagaios que riam... Era um paraíso e um ambiente que eu nunca tinha experimentado. Além disso, todos do *staff* eram tão animados e agradáveis. Eu tinha certeza de ter encontrado o céu na terra”, empolga-se. Como as esculturas foram criadas com materiais reciclados e restos de estruturas de demolição,



Num total de quase 84 toneladas e com dimensões extraordinárias, as esculturas demandaram transporte especializado para vencer a distância que separa a Califórnia de Minas Gerais. “A instalação foi um projeto épico”, lembra Karen Cusolito. “Desde o envio das peças, a partir de Oakland, até a colocação do último parafuso, essa foi certamente a instalação mais memorável da minha vida”. E note que não lhe falta experiência. A artista já havia exibido essas mesmas peças em lugares diferentes e considerado a empreitada relativamente fácil, até precisar instalá-las no alto de uma colina em plena Mata Atlântica! “Os caminhões que levavam as esculturas encalharam quando a chuva encharcou a estrada... E a coisa virou um circo: minha assistente

o resultado final. Os sentimentos são quase meditativos, de paz e reverência, como se aquilo tudo tivesse simplesmente brotado ali. “Elas foram criadas num bairro industrial e arenoso de Oakland, na Califórnia. Agora estão cercadas de papagaios malucos, uma paisagem linda e uma comunidade de pessoas incríveis. Não posso imaginar um lugar melhor para ‘as crianças’, que é como eu as chamo. Um lugar onde o compromisso com a natureza e o apoio a um ambiente saudável são tão fortes”, reflete Karen.

#### BOM DEMAIS PARA SER VERDADE

Se você pensa que a viagem foi a parte mais interessante da história, espere até saber o que aconteceu antes da epopeia que culminou na

visita para fevereiro de 2012.”

A preparação para a viagem foi engraçada: “Meus amigos insistiram que eu levasse uma arma ou um guarda-costas. Suspeitavam que se tratasse de golpe, pois aquela oferta parecia boa demais para ser verdade e provavelmente eu seria sequestrada; ‘ninguém planta uma floresta ou ensina pessoas de graça, nem compra terra sem pretender fazer especulação imobiliária’, diziam”. Karen argumentava com humor: “Quem iria sequestrar uma artista? Artistas geralmente são pobres, ninguém pagaria resgate por uma artista! Ficou decidido que eu levaria minha amiga Michelle comigo. Ela pode ser tão perigosa como uma arma”, brinca. Pois a visita correu tão bem que surpreendeu aos amigos e até a própria

elas intrinsicamente levam uma mensagem ambiental. Perguntamos a Karen se foi essa a intenção na escolha de material ou se ela buscou apenas dar à obra um visual mais industrial. “As duas coisas”, respondeu, séria. “A indústria dos Estados Unidos está desaparecendo. Mais artigos importados significam menos empregos; nossas ferramentas, fábricas e indústrias estão desaparecendo. Grandes armazéns estão se tornando condomínios de luxo e a indústria de tecnologia está se transformando em mero trabalho administrativo. Nosso maquinário vira sucata. Lindas ferramentas e peças vintage, antes usadas para construir pontes, estradas e prédios, são exportadas para serem derretidas”, lamenta.

CONSTRUINDO

CERTO

COM LINHAS

TORTAS

Rústicas e confortáveis,  
as construções da Reserva  
têm o brio de quem é  
repleto de histórias

Casa de pau a pique  
restaurada no Areião

VEJA O VÍDEO



Quando você é simples, deixa que o amor e a beleza subam o degrau”, filosofa Hélio Pellegrino, arquiteto que sempre colaborou nos projetos da Reserva. Para ele, este lugar é uma “experiência transcendental”, por conta das relações verdadeiramente humanas, pela ênfase no uso de material reciclado – interpretado como “objetos encardidos de vida” – e pelo resgate da natureza. “Deixar o mato crescer é um toque político, pois o mato

somos nós”, diz Hélio. E arremata: “Se o mundo fosse uma Reserva, estaríamos plenos de beleza, de harmonia e de amor”. Sobre sua participação nas construções da Reserva, Hélio responde com poesia: “Apenas ajudei a compor a sinfonia”. De fato, muitas pessoas entraram nessa orquestra para elaborar desde o projeto arquitetônico até a decoração, paisagismo, iluminação e intervenções artísticas que fazem da Reserva do Ibitipoca um lugar especial.

“O resultado é a soma da miscelânea de palpites de um monte de gente”, resume Raquel Pazos, que acompanhou cada etapa das obras. Uma linha mestra, contudo, rege os passos da engenharia na Reserva: a busca pela sustentabilidade. Em quase todas as reformas e construções, há placas de energia solar, reúso de água e sistema ecológico de tratamento de efluentes. Os resíduos recicláveis são separados, os restos orgânicos

são destinados aos porcos, às galinhas e à compostagem, para produção de húmus. O conceituado arquiteto Hitesh Mehta conheceu tudo isso e selecionou o lugar como *case* de resgate arquitetônico e sustentabilidade para o livro que está escrevendo. O arquiteto, que já visitou 46 países e escreveu a “bíblia” das pousadas ecológicas, diz que a Reserva é de fato uma referência em projeto de conservação e de hospitalidade no Brasil. Ele

conheceu o local a convite da *National Geographic*, que pediu sua avaliação para o programa *Unique Ecolodges of the World*. Mais tarde, passou mais alguns dias para novos estudos e produção de fotos para incluir a Reserva em *Authentic Ecolodges – Volume 2*. “Eu a selecionei porque atende aos critérios que criei ao longo dos anos.” No seu livro, classifica *ecolodges* como “meio de hospedagem que se integra de forma harmoniosa no seu ambiente natural e

cultural, que oferece experiências memoráveis enquanto protege o meio ambiente e beneficia a comunidade local”. Uma das construções que chamaram a atenção de Hitesh foi o Viradouro, casa datada de 1750. Luiz Antônio Campos, conhecido como Tziu, foi quem traduziu em pedra, madeira e cimento os sonhos dos idealizadores da Reserva ao resgatar essa antiga residência. “A intenção, desde o início, foi preservar os valores da arquitetura colonial”, diz o



Rancho de pau a pique no Areião, que funciona como refeitório ao ar livre

arquiteto. Manteve-se, pois, um ar histórico em toda sua reforma e ampliação.

Os pedreiros, carpinteiros e mestres de obra, todos moradores da região, estranharam esse estilo “novo-velho”. Seu Neovander Almeida de Paula, o Vander, relembra: “O pedreiro que trabalhava comigo, acostumado a fazer tudo retinho, não gostou, quis ir embora. Não era para ser lisinho”. No início, ele também estranhou, achou feio o acabamento. “Explicaram e a gente foi fazendo, até chegar no gosto. Quando veio a decoração, aí combinou.”

Curioso é constatar que a equipe

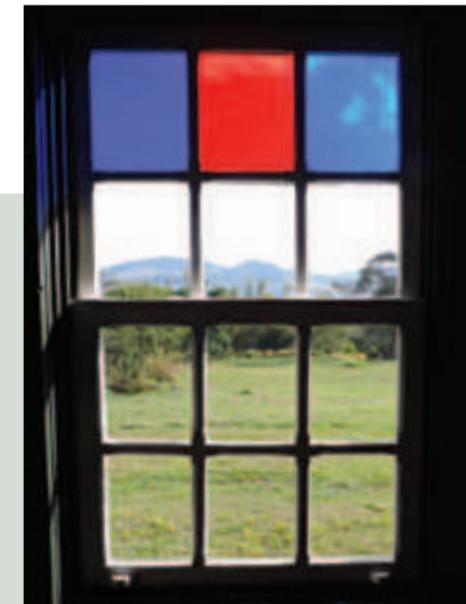
se mostrou perfeccionista na busca da imperfeição; durante a obra foram criadas até ferramentas para gerar o acabamento adequado. Seu Joaquim Delfino de Oliveira Neto entendeu a lógica do estilo arquitetônico: “o torto tem de ficar certo.” O resultado do preciosismo? Nada se vê de alvenaria moderna: as pedras da base e o emboço nas paredes cobrem tudo.

Seu Gaspar dos Reis entrou para a equipe e ajudou a levantar as paredes da Pousada. “Estou aprendendo sempre; agora estamos usando pedras para fazer muro de um

jeito que não se usava mais, escondendo a argamassa entre as pedras. Fica bonito, parece que o trabalho é só de encaixe. Gosto de fazer bem feito, para durar!” Quem também anda entusiasmado com essa nova-velha forma de construção é seu Domingos Alves de Oliveira, que é do tempo em que se construía com pau a pique. “Tinha mutirão para barrear; e o dono da casa oferecia comida e cachaça”, lembra. Como o sistema de construção em alvenaria se popularizou, a tradição foi se perdendo – ele jamais imaginara que voltaria a levantar parede de barro!

### NADA DE OURO

Apesar de Ibitipoca ter sido uma das regiões que deu início ao chamado Ciclo do Ouro, a mineração ali logo findou e os aventureiros se deslocaram para lugares mais promissores das Gerais. No início do século 19, mais de cem anos depois de descobertas as minas de Ouro Preto, o local ganhou novo fôlego ao se integrar à rota de comerciantes e tropeiros a caminho do Rio de Janeiro. Mas a herança arquitetônica dessa fase histórica em nada lembra a opulência dos senhores de terra. Remete mais aos trabalhadores: são casas simples, com paredes de pau a pique e teto coberto de piaçaba. E assim permaneceu mesmo na época do Ciclo do Café, que enriqueceu outros pontos mineiros. A formação rochosa e a terra arenosa limitavam esse tipo de atividade econômica, deixando que o gado ocupasse os morros.



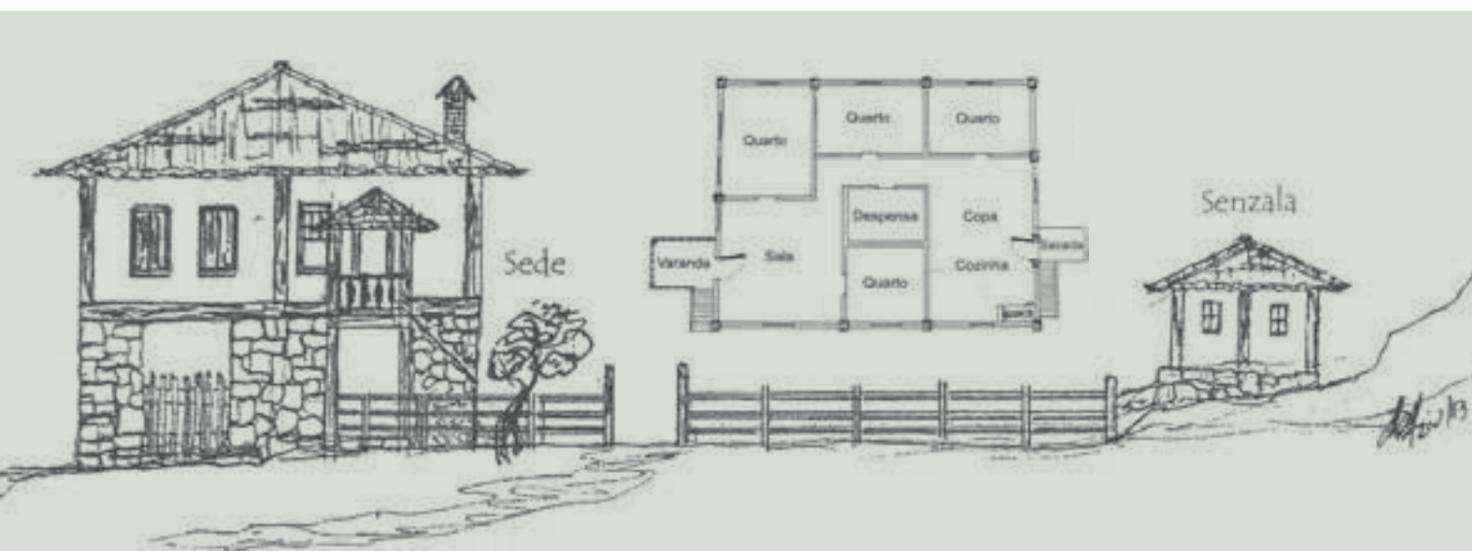
Os vidros coloridos presentes em várias construções na Reserva são uma liberdade poética

### ESTILO NOVO-VELHO

A casa principal da Reserva do Ibitipoca também tem sua história, pois foi levantada exatamente onde se situava a sede da Fazenda do Engenho, terra adquirida em 1981 por Carlinhos Repetto e que deu origem à Reserva. A sede misturava pau a pique, tijolo e alvenaria, além de uma bela dose de alegria. Tziu, arquiteto e um dos frequentadores da lendária fazenda, conta que frequenta o lugar desde os 17 anos! “Aqui construí minha primeira casa e ganhei uma família, que é a comunidade de Ibitipoca.” “A fazenda do Carlinhos era

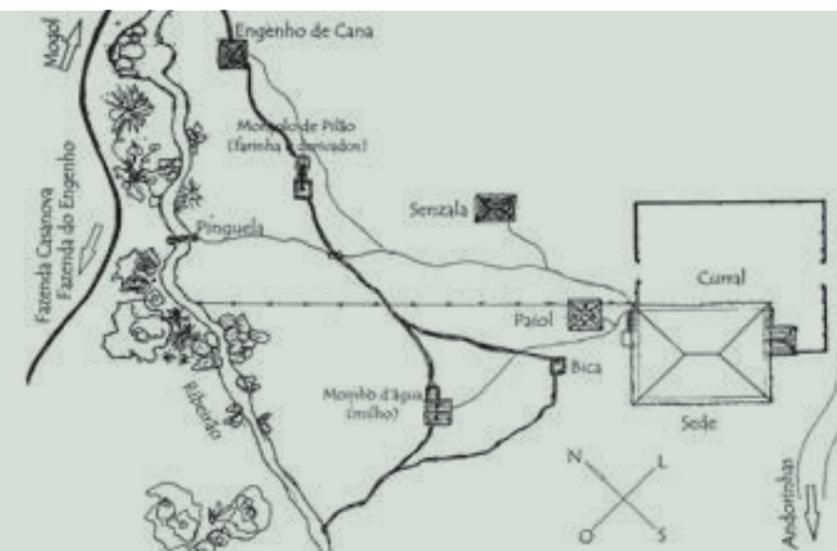
tão cheia de personalidade, tão mítica! Com suas festas e encontros, fez parte da história de tanta gente, que eu tinha medo de destruir um patrimônio afetivo”, conta Rogério Mascarenhas, o Rubão. O arquiteto relata que um dos objetivos da reconstrução da sede foi justamente manter “a atmosfera da casa antiga”; por isso, o varandão de canto, marca registrada do Engenho, se tornou um dos eixos do projeto arquitetônico. O formato em “L” da planta original teve seus braços estendidos para criar a ala dos quartos, sala, cozinha e o pátio interno. “A varanda é

o ponto de encontro dos dois projetos”, resume Rubão, que seguiu essa orientação de Lilina Repetto, arquiteta desde os anos 1940 e mãe de Carlinhos. Após a reconstrução, a casa hoje parece antiga. Boa parte do material é originário de demolição: há telhas artesanais (aquelas feitas nas coxas de escravos), janelas, pedras e batentes. Além disso, a decoração se fez com objetos repletos de histórias. Rubão



### “RETRATOS FALADOS”

São parte do processo de resgate de construções históricas. Num meticuloso trabalho de arqueologia arquitetônica, Tziu encontrou pedaços da estrutura e da fundação da sede da Fazenda do Gavião Maior, uma das primeiras casas da região. A partir disso, desenhou o croqui que servirá de guia para uma eventual reconstrução no futuro.



## DA BASE DE PEDRA À CUMEEIRA, AS CONSTRUÇÕES PRESERVAM O PATRIMÔNIO CULTURAL

Na Reserva do Ibitipoca, toda construção, restauração e manutenção de casas tem como princípio manter as características arquitetônicas originais do estilo colonial mineiro. Cultura e história regionais são, assim, valorizadas.



**POUSADA** – Embora tenha sido erguida quase inteiramente com material de demolição (boa parte da própria região) e usando técnicas tradicionais, a casa é de 2008. A varanda foi inspirada na sede da Fazenda do Engenho.



**VIRADOURO** – É a construção mais antiga da área da Reserva (1715). Foi reformada e ampliada mantendo o estilo arquitetônico original. Hoje é uma casa sustentável que usa 100% de energia renovável.



**CASA DO BENJAMIN** – Assim como a Casa do Zico, tem a arquitetura exterior mantida e o interior reformado, pois os quartos eram muito pequenos. Foram pintadas com tinta à base de oca – terra naturalmente pigmentada.



**SPA** – Na época da fazenda do Engenho, havia um grande e antigo paiol. Ele foi desmanchado e reconstruído com as tábuas de madeira e as pedras. Agora é um espaço para tratamentos terapêuticos.



**BOA VISTA** – A reforma dessa residência do início do século 19 seguiu o princípio de resgate arquitetônico. Ganhou reforço estrutural, varanda e atualizações na funcionalidade.



**CASA DO LUNA** – Construída em 2016. Usa técnica mista, com base de pedra e estrutura em tijolos de demolição. Fica na entrada da Mata do Luna e serve como base para pesquisadores.



**RANCHO DO AREIÃO** – Restaurado e otimizado para melhor aproveitar o panorama, trata-se de um rancho de pau a pique sem reboco, usado para refeições ao ar livre.



**GARNET** – Um único quarto de madeira, voltado para uma vista magnífica. O banheiro fica fora do quarto e não tem uma das paredes, permitindo apreciar a paisagem.



**CASA DO CARLINHOS** – pertencia ao dono da Fazenda do Engenho e ainda é chamada assim. Com três quartos, é a opção ideal de hospedagem para grupos e famílias.

conta que um dos desafios foi encontrar interruptores esmaltados e tomadas de porcelana. “Quem cumpriu a tarefa com louvor foi a Marlene.” Designer de interior, Marlene Zanini passou cinco anos garimpando, em antiquários e fazendas centenárias, ladrilhos, vidros coloridos, banheiras e diversas outras peças para dar alma à Pousada. Habituee de Ibiti há 30 anos, ela transpôs seu amor pela região em cada detalhe, procurando a maçaneta perfeita para arrematar um banheiro ou os objetos ideais para compor a cozinha. O estilo francês que remete ao desenho animado *Ratatouille* foi ideia da Marlene, que encomendou os clássicos ladrilhos pretos e brancos. Outro resultado de suas buscas é a coleção de cachaça, selecionada nos recantos das Gerais, que decoram uma das paredes do pátio interno. Muitos móveis, como os armários de uma ‘farmácia’, ganharam vida nova e deram personalidade à casa. “Há uma miscelânea de objetos de várias

épocas”, diz a designer, que soube dar encanto e harmonia ao conjunto da obra. “Foi o melhor trabalho que já fiz, porque todo mundo deu palpite!” Cada objeto da Pousada tem, enfim, uma história. O altar, por exemplo, era branco. Ao ser reformado, revelou cores alegres. A descoberta foi de Cacao Souza, artista plástico e restaurador. “Percebi que provavelmente haveria por baixo uma pintura com temas florais, visto que eram característicos da época. Raspei a lateral e a pintura original estava lá. Levei dez meses para, meticulosamente, retirar as camadas com bisturi.” Em parceria com Marlene, Cacao restaurou e deu tom envelhecido a diversas peças. São dele os barrados e rodapés de florais em paredes e as reproduções de Rugendas (artista alemão, 1802-1858, autor de *Voyage Pittoresque dans le Brésil*). “Já havia trabalhado com restauração de igreja e feito painéis, mas reproduzir é muito diferente de criar. Pintar à la Rugendas foi um desafio: pesquisar as cores até chegar nos tons próximos de

seus quadros se mostrou muito mais trabalhoso do que criar algo novo, pois a responsabilidade é maior.” O artista ainda pintou o logotipo da Reserva e o mapa topográfico da região, feito em óleo sobre tela.

Hoje, quem entra na Pousada percebe o charme de casa antiga – mas sem ares de museu! Cores, luzes e um alegre despojamento na decoração dão o tom moderno. Colaboraram para isso a iluminação do premiado designer Maneco Quinderé e o toque veranil da Mucki, artista plástica que produziu os painéis bordados à mão e os estofados. Suas peças são delicadas e sempre inspiradas na natureza. “Espero proporcionar aos hóspedes beleza, leveza e bem-estar. Ibitipoca é um lugar muito querido e especial, onde me sinto em casa.” Ela participou desde o início da decoração da Pousada e deixou seu estilo luminoso em outras construções, como no Garnet. Todo ano ela volta para opinar na decoração: “Mudo objetos de lugar, reaproveito uma cortina, costuro outra; sigo o princípio da reutilização”.

Casa do Benjamin, com Pico do Gavião ao fundo



Geração de renda e criação de oportunidades de trabalho para a comunidade são a fórmula usada pela Reserva do Ibitipoca para impulsionar seus projetos

# MÃOS NA MASSA

VEJA O VÍDEO



“Um mais um é sempre mais que dois”, canta Beto Guedes em *O sal da Terra*. “Pra melhor juntar as nossas forças é só repartir melhor o pão”, complementa. Esse hino ecológico, composto em 1981, ainda hoje nos sensibiliza com seu refrão: “A paz na Terra, amor, o pé na terra...” E seu poético apelo para o cuidado com o planeta e compromisso com a causa socioambiental ilustra os princípios da Reserva do Ibitipoca. “A Reserva será realmente sustentável quando for economicamente sustentável, com empreendedores gerando renda que permita sustento digno da população local e a manutenção do projeto como um todo”, afirma Raquel Pazos, gerente da Reserva, que diz que o foco agora está na seleção de empreendedores para produção de alimentos. O Projeto Empreendedorismo, coordenado por ela, significa gente plantando, colhendo, transformando cana-

de-açúcar em rapadura, milho em fubá, cultivando cogumelo, criando abelha, comercializando seus produtos e serviços. Raquel explica que a primeira iniciativa nesse sentido ocorreu em 2015, quando se decidiu passar a operação da Pousada, aberta em 2009, para funcionários pertencentes à comunidade local. Quem se encanta com a Pousada às vezes acha que a Reserva é apenas sua extensão, sem imaginar que a relação entre ambas é diametralmente oposta: é a Pousada que pertence à Reserva! A mata dificilmente gera renda e empregos. E se a renda não é gerada, as pessoas vão embora. Para equacionar a difícil relação homem-natureza-economia dentro de uma reserva ambiental, a alternativa foi apostar no turismo de baixo impacto. Em vez de construir um hotel com 100 quartos a preços populares, optou-se por construir 12 finas acomodações, aptas a atrair dólares. Além da infraestrutura, o

empreendimento exigiu uma equipe muito bem formada. O interessante é que, em vez de importar funcionários com experiência no ramo hoteleiro de luxo, contratou-se gente da terra. Capacitar essas pessoas na área de serviços em turismo se tornou desafio e especialidade de Raquel. Ela conta que, desde o início, a valorização do funcionário é prioritária. Hoje há 45 pessoas trabalhando na Reserva e 30 na Pousada (sem contar os colaboradores indiretos); impera a mão de obra local e a maioria mora em São José dos Lopes. Por causa disso, esse vilarejo de menos de 300 habitantes, situado a 12 quilômetros da Pousada, passou a sentir o impacto positivo do turismo. Até então, como a localização da maioria das pousadas é no caminho do Parque Estadual, cabia à vila Conceição do Ibitipoca suprir a demanda de trabalho. Mesmo os moradores que não têm vínculo direto com a Reserva mas têm interesse em comercializar

sua produção são convidados a incrementar a mesa da Pousada. Hoje já são servidos verduras e legumes frescos, doces caseiros, comida mineira preparada no fogão a lenha e a tradicional cachaça Me Leva, feita em Andrelândia. Quem colaborou com o perfil gastronômico da casa foi o chef francês Claude Troisgros, radicado no Brasil há décadas e cuja filosofia é trabalhar produtos locais com técnicas francesas. “O local me inspirou. Foi emocionante conhecer a comunidade de pequenos produtores, da família que fazia sabão à que produzia goiabada e criava porcos. Então elaborei o cardápio do jantar e treinei a Marly, que soube captar bem tudo que passei. Ela é um talento autodidata, tem uma simplicidade e um dom para temperar fora do comum. Ama essa terra, e traduz isso em suas receitas. Coloca amor em tudo que faz – e isso na cozinha é fundamental.” Segundo Troisgros, o binômio hotelaria/culinária pode melhorar (e às vezes

até transformar) a vida de uma comunidade. “As pessoas que moram nesses lugares afastados muitas vezes não sabem transformar o ingrediente incrível que elas têm numa iguaria. Esses produtos fazem parte do dia a dia delas. Com a vinda da hotelaria, elas começam a entender e a valorizar o produto da terra; percebem que, com esses ingredientes, podem ir além do que estão acostumadas.” O alambique artesanal de Edmar Geovani Gonçalves, no noroeste do Parque, ilustra esse fato. Recentemente, com a ajuda do filho Bruno, ele começou a produzir cachaça e, em um ano, a cana-de-açúcar colhida na própria terra rendeu quase 3 mil litros de aguardente! Dentro do Projeto Empreendedorismo também está a colheita do juçará (fruto da palmeira ameaçada de extinção), coordenada por Diogo Jorge. Ele, que é responsável pela implantação da agrofloresta, está de prosa

com um especialista em shiitake e já trouxe Luiz Manoel dos Santos, um conhecedor de farinhas. Luiz é do interior da Paraíba e conta que a produção da farinha de mandioca faz parte da tradição de sua comunidade. “O povo se reunia para fazer junto.” No fogão a lenha, hoje são preparados 10 quilos por dia, mas espera que, após a construção do forno, passe a 25 quilos. Sim, em breve, os tachos e formas serão multiplicados e haverá a Oficina de Cosméticos e Essências, a Casa da Farinha, da Juçara e a Casa de Doces. Para a última especialidade, destaca-se uma expert na produção artesanal de alimentos, Dona Odete Maria. Essa mulher forte, de olhos mansos, sabe o ponto exato das geleias e compotas: em seu caldeirão mágico, dominam os líquidos borbulhantes até tomarem forma de doces iguarias. “Minha mãe mexia muito com esse negócio de melado e rapadura. Com Diogo, aprendi a fazer o açúcar. É muito mais prazeroso fazer do que



comprar pronto.” Incentivar as tradições culturais é outra forma de a Reserva se relacionar com a comunidade, como no incentivo à banda Nova Aurora de Olaria. Em várias ocasiões festivas, a banda é convidada a se apresentar para os hóspedes. “É sempre muito bom tocar na Reserva; os aplausos são o combustível da banda”, afirma José Alves de Souza, o Menestrel. Ele é quem ensina os 52 jovens de 10 a 17 anos do vilarejo vizinho. Eles aprenderam a tocar diversos estilos musicais e, segundo Menestrel, melhoraram suas notas na escola. “A música aumenta o poder de concentração”, garante o maestro.

**FELICIDADE INTERNA BRUTA**  
Como parte integrante do processo de sustentabilidade, três funcionários que demonstraram possuir “visão de dono” e perfil de liderança se tornaram os atuais sócios da Pousada: Junior Vicente dos Reis, Marly de Fátima e Reginaldo Fagundes.

O grupo, contudo, não está fechado; outros funcionários que se mostrarem merecedores poderão entrar. “O fato de eles gerirem uma pousada dessa magnitude já é um case de sucesso que esperamos replicar em outros setores”, diz Raquel. Essa experiência chamou a atenção de professores da Pace University, em Nova York (EUA), que a escolheram como estudo de caso. Casey Frid e Imram Chowdhury acreditam que esse case é especial e o levarão à sala de aula para discutir com os alunos. Em visitas à Reserva e às vilas de Lopes e de Conceição do Ibitipoca, acompanharam o processo em tempo real: “Vimos os desafios que eles estão enfrentando e superando. É incrível essa forma de ampliar a rede social. O capitalismo está em crise no mundo todo e nossos alunos buscam modelos que integrem o social e o econômico. Eles querem ver alternativas para os países em desenvolvimento”, diz Casey. O otimismo do

professor se mostra evidente ao dizer que “é preciso sonhar; e se nossos estudantes conhecerem esse exemplo e se sentirem estimulados, fizemos nosso trabalho”. Mais do que gerar renda, a Reserva busca cultivar felicidade. Isso mesmo: “Não se trabalha a economia sem o social. Nem o social sem falar de felicidade”, afirma categoricamente Nadja Hofmann, alemã que encontrou na University College Roosevelt, na Holanda, embasamento para os conceitos que hoje busca aplicar na Reserva. A jovem está calculando, a partir de um questionário, o índice de felicidade entre os funcionários. “Eu diria que as pessoas que trabalham aqui são felizes. Porque as vejo trabalhando duro, dando seu melhor por muitas horas seguidas, muitos dias seguidos, e isso não seria possível se não gostassem do que fazem. Isso é algo que os hóspedes percebem; eles comentam que os trabalhadores ‘fazem a diferença’, que ‘gostam

## OS SÓCIOS DA POUSADA

**JUNIOR VICENTE DOS REIS**, o Juninho, serviu o quartel em Juiz de Fora, trabalhou em posto de gasolina e foi motorista de caminhão. Há cinco anos é funcionário da Reserva, onde começou com a função de buscar e levar turistas ao aeroporto, e logo se identificou com o trabalho dos guias. “Aprendi com eles e depois fiz um curso no Parque. Aqui a gente faz de tudo – se precisar, até frita mandioca!” Apaixonado por esportes radicais, gosta de levar os turistas para descer o rio, andar pela mata e subir os morros mais altos a pé. Sua experiência mais arrepiante, porém, não foi à beira de um despenhadeiro ou nas entranhas de uma gruta e, sim, ao cruzar a fronteira de Minas Gerais! Nunca havia colocado os pés fora do estado quando embarcou para a Califórnia determinado a aprender a falar inglês. A oportunidade surgiu com o convite de Karen Cusolito, artista que instalou sua majestosa família de metal nos altos da Reserva e simpatizou com o jovem. “Essa Reserva é uma experiência única para mim e para a região”, sintetiza o sorridente e sempre solícito Juninho.

**MARLY DE FÁTIMA** saiu de casa aos 8 anos e começou a trabalhar como babá em Juiz de Fora. Aos 12 voltou para Lopes e ajudou a mãe doente a cuidar dos irmãos pequenos. Com 16 anos, casou e teve uma filha. Acostumada a pegar no batente, se ofereceu para trabalhar na Pousada assim que soube que havia vaga na cozinha. Raquel Pazos a recebeu com um desafio: no mesmo dia, preparar o almoço para um grupo. “Fiquei com medo de que não gostassem, mas Renato elogiou a comida, tirando um peso de 500 quilos das minhas costas”, conta Marly (ao centro, na foto). Desde então ela faz parte da equipe – e lá se vai uma década. Outro momento marcante foi o estágio no restaurante de Claude Troisgros, quando precisou apresentar um prato por dia. “Chorava de tanto nervoso! Nunca tinha ido ao Rio, nem conhecia a maior parte dos ingredientes.” Chefe da cozinha da Pousada, tempera agora um novo sonho: abrir com duas colegas o restaurante Os três porquinhos.

**REGINALDO FAGUNDES**, o Régis, responsável pela Manutenção/Obras. “Ele é um talento! Tem paixão por isso aqui. Começou em serviços gerais e é um caso de ascensão: hoje domina tudo!”, elogia Raquel. Pau pra toda obra, confiante e confiável, Régis reflete o perfil dos funcionários da Reserva. Rodrigo Londres, antigo hóspede e hoje amigo de todos na Pousada, se mostra certo ao definir Régis: “Ele e Renato se entendem pela compulsão em realizar. Um sonha, o outro concretiza”.





## UM MODELO POSSÍVEL

Perguntamos aos pesquisadores da Pace University, Casey Frid (*de amarelo nas fotos*) e Imran Chowdhury, qual a importância do estudo sobre a sustentabilidade da Reserva.

**CASEY** - *Há duas razões para esse caso ser realmente importante para os estudantes: a primeira é que, se você olha para o ato de criar um negócio sob a perspectiva do processo, muito do que é ensinado nas escolas de negócios é sobre planejamento – você deve prever o que acontecerá no futuro, traçar um plano e depois executar esse plano. Mas o que é interessante aqui é que você tem o caso de um indivíduo – o Renato – que é essencialmente movido por fazer experiências. Pelo processo de testar hipóteses como, por exemplo, “vamos testar o menu da pousada”, ver se funciona, e obter um feedback primeiro de amigos, parentes e colegas, para depois aplicar com os hóspedes. Tal processo é feito com refeições, com a decoração dos quartos, com a arrumação dos espaços... Tem muita coisa sendo testada e aperfeiçoada paulatinamente. Penso que esse é um modo peculiar, único, de começar um negócio – essencialmente diferente do que é ensinado nas business schools. E isso leva a uma questão maior, ainda mais importante para os alunos: eles estão criando um sistema que não é baseado na obrigação de um retorno financeiro em curto e médio prazo, fator crucial nos negócios tradicionais. Há uma boa margem de manobra e considerável fôlego do empreendedor para proporcionar aos empregados (muitos dos quais originais dos vilarejos vizinhos) tempo suficiente para aprender e praticar a arte de oferecer o melhor serviço possível a seus clientes em termos de culinária, hospitalidade etc.*

**IMRAN** - *Este projeto interessa porque é envolvente, de certa forma idealizado e visionário, pois temos essa imensa reserva natural, esse empreendedorismo coletivo, essa transferência de poder para os colaboradores, todas essas coisas únicas acontecendo. De certa forma é um sonho. Um sonho realizado! E aí está: por que não ter um sonho? Por que não perseguir esse sonho? E se você tiver sucesso, ou mesmo se tiver apenas um sucesso parcial, você será um exemplo para as pessoas, não apenas no Brasil mas também no exterior. Se nossos alunos, por exemplo, virem que isso está acontecendo em algum lugar, podem pensar “Opa, talvez a gente possa fazer isso por aqui. Talvez não do mesmo jeito, mas do nosso jeito, nas nossas comunidades, com os nossos negócios.” Então eu espero que, ao escrever esse nosso estudo de caso, possamos ajudar outras pessoas a ver que esse modelo é possível, e também a entender os desafios que esse tipo de empreendimento enfrenta, e talvez essas pessoas se sintam estimuladas a tentar algo que siga por caminhos semelhantes.*

## SAIBA MAIS:

:: *Happy* mostra as recentes descobertas da neurociência, sociologia e psicologia da felicidade. Concebido e dirigido por Roko Belic, o documentário apresenta caminhos para uma vida mais significativa e traz questionamentos do tipo “Como podemos construir espaços e mundos nos quais as condições para a felicidade estejam mais disponíveis? Como podemos cultivar nossos corações e nossas mentes?”. Já a animação *O alto preço do materialismo* questiona o modelo de consumo predominante hoje em todo o planeta; e o livro *Flow the secret to happiness*, de Mihaly Csikszentmihalyi, aponta alternativas para um mundo melhor – e mais feliz.

de ajudar, gostam do que fazem e amam o projeto da Reserva’. Na minha opinião, é exatamente isso que faz o projeto ser o que é.” Por outro lado, Nadja também constatou que nem sempre o que se propõe ao funcionário é o que ele deseja: “Apesar de termos um clube só para nós aqui na Reserva, com cachoeira e área para churrasco, a maioria não usa esse espaço: nos seus dias livres eles preferem estar com a família.” A partir de dados assim, ela vai medir o índice de Felicidade Interna Bruta (conceito criado pelo governo do Butão e desenvolvido filosoficamente no documentário *Happy*). O curioso é que Nadja está sendo cobaia na própria pesquisa: “Quando minha família pergunta o que ainda estou fazendo aqui, eu me faço a mesma pergunta e constato como a importância da felicidade é grande. Eu mesma não sei direito o porquê, mas sinto que é isso o que quero. Encontrei algo que não vi em nenhum outro

lugar do mundo. E olha que viajei muito!... Só posso descrever isso como felicidade”. A informalidade das relações horizontalizadas encanta os hóspedes: aqui cada funcionário tem nome, história, personalidade. Cláudia Baumgratz, gerente de marketing da Pousada, acredita ser esse o diferencial e grande chamariz da Pousada. “Ibitipoca ainda é uma região pouco conhecida no Brasil; no exterior, então, quase ninguém ouviu falar. Cláudia começou a investir no público estrangeiro e viu que a maioria dá menos importância ao luxo do que à essência do lugar. “Hotéis maravilhosos há em toda parte, mas aqui a pessoa se fascina pela combinação de serviços, executados por pessoas simples, com toda a dinâmica socioambiental dos nossos projetos.” Para se ter ideia de como as relações na Pousada acabam sendo pautadas pela amizade e confiança, um dia seu Gaspar dos Reis, senhor calmo de voz macia, estava envolvido em

uma obra na sede quando conheceu um voluntário da Tanzânia que precisava de pouso. “Lá em casa tem um lugarzinho”, disse ele num acolhimento bem mineiro. Pois o jovem africano aceitou o convite para viver um tempo na casa da família, no vilarejo de Lopes. Ele aprendeu português e a filha de Gaspar, Jackeline, pescou um pouco de inglês. Ela se interessou pela língua e até hoje os dois conversam pela internet. O convívio com pessoas de outras culturas levou a moça a mudar seus planos: “Ela ia estudar em Juiz de Fora, mas está trabalhando no spa da Pousada”, conta, orgulhoso, o pai da moça que hoje é capaz de dar aulas de yoga em inglês! Jackie foi uma das aprendizes de Tasso Gomide: “Ela não apenas aprendeu a cuidar do corpo como a ter um olhar diferente sobre si mesma”, garante o professor de ioga e massoterapeuta do spa. “Se não fosse a Reserva, todo mundo em Lopes teria ido embora”, avalia seu Gaspar.

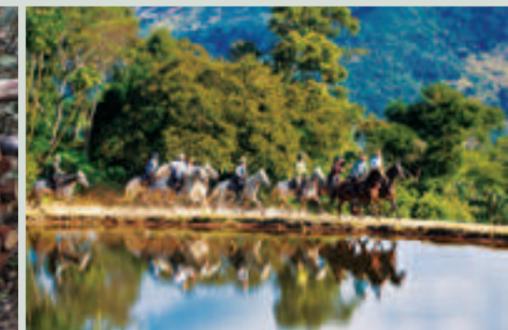
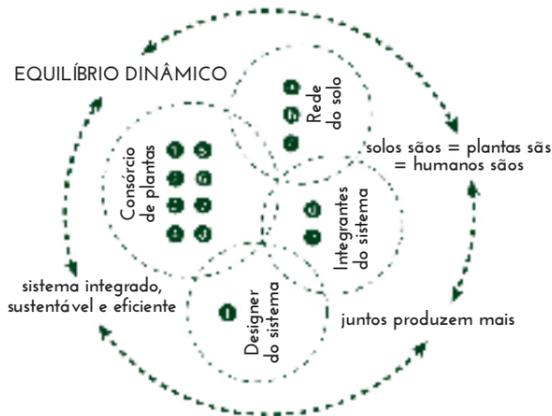


DIAGRAMA DE UM SISTEMA AGROFLORESTAL SADIO



# FLORESTA que alimenta

Agroecologia é o elo que reconcilia o ser humano com o meio ambiente

**E**mpunhando um respeitável facão, Diogo do Amaral Jorge poda bananeiras e corta cana com a destreza de um especialista. Parece que cresceu na roça. Até o início da década, porém, viveu entre os espigões da megalópole paulista. Chegou na proximidade da Reserva meio por acaso: procurava terra para plantar e encontrou, em Lima Duarte, pouso para semear suas ideias. Após completar um mestrado na Bélgica com o tema “Inclusão de deficientes no campo”, conseguiu apoio para dar vida ao projeto Nossa Horta, via Catarse (plataforma online para viabilizar financeiramente iniciativas inovadoras). Transformar um terreno baldio da pequena cidade em uma belíssima horta pelas mãos de pessoas antes marginalizadas do processo de produção, como os alunos da APAE, era a meta. O resultado, contudo, foi além: trouxe felicidade para essas pessoas! Enquanto remexia a terra com essa animada equipe, Diogo colhia “juçai” (o fruto da palmeira juçara, ainda mais gostoso e nutritivo que o célebre açaí) e procurava vender sua produção. Foi então que a Reserva do Ibitipoca se tornou seu principal cliente e uma sólida parceria se iniciou. Adepto da agricultura sintrópica, cujo expoente máximo é Ernst Gotsch (*leia quadro*), Diogo explicou os distintos objetivos desse sistema de plantio (produção de alimentos, contenção de erosão, proteção de nascentes e corredor ecológico), mostrou que para cada objetivo há uma tabela com a seleção de espécies a serem plantadas, e convenceu

VEJA O VÍDEO



Diogo em uma das áreas-piloto com plantas de 8 a 18 meses: árvores pioneiras (mulungu, guapuruvu), frutíferas, secundárias (como o cedro, o angelim ou a caviúna), arbustivas (mandioca, feijão-guandu, mamona), juntamente com milho, feijão e cana



Sucessão e evolução do sistema biodiverso



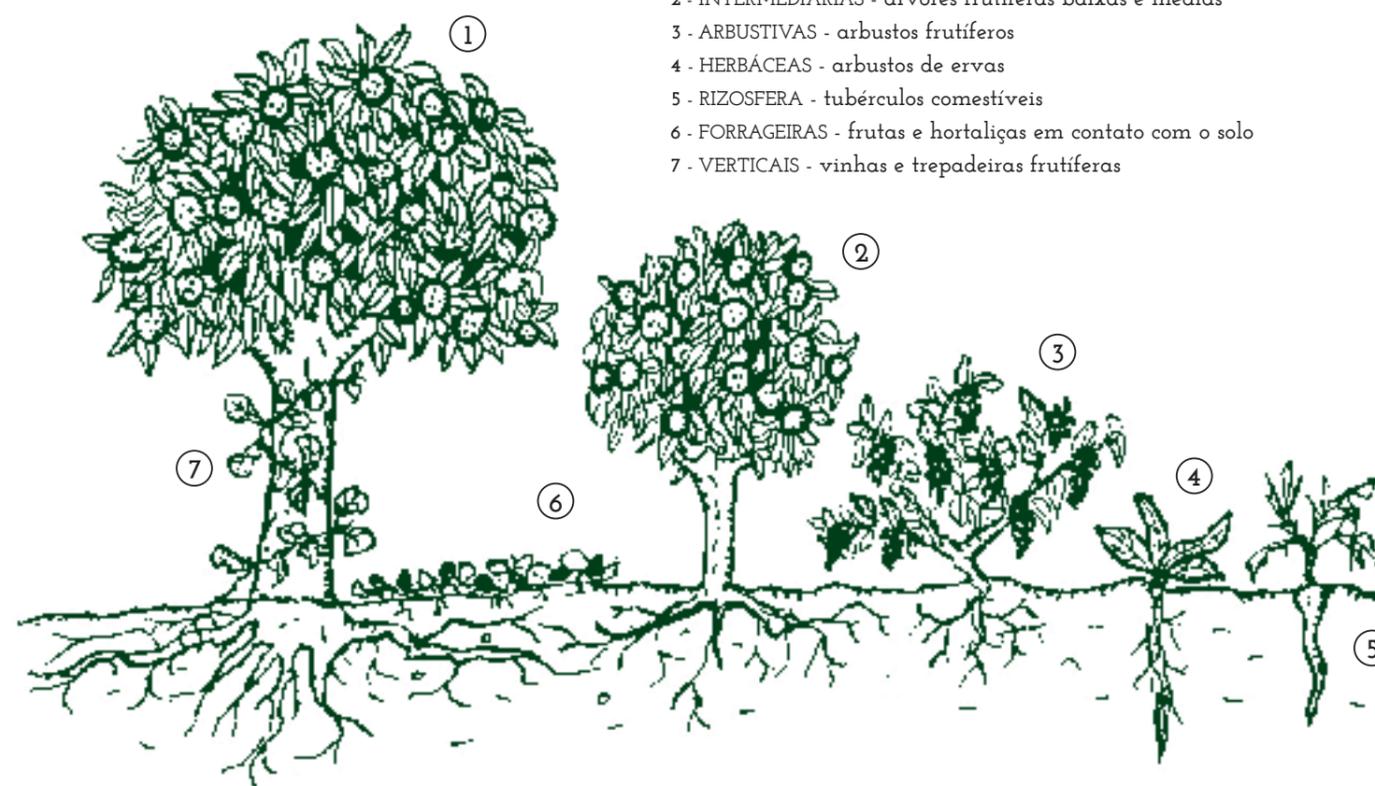
a equipe da Reserva a iniciar um plantio-piloto. Implantado em 2014, os canteiros agroflorestais hoje têm de oito a dez espécies por metro quadrado, com expectativa de elevar o índice para 15. Na natureza, 40 espécies chegam a se amontoar nessa pequena área – já na agricultura convencional há uma única espécie em quilômetros de extensão! “Orgânico apenas não é a solução, tem de ter diversidade”, defende. Diogo plantou onde havia o capim braquiária (herança do tempo em que toda a região era destinada ao pasto) e optou por sementes e mudas locais. “Plantando de tudo junto, você vai ter bastante de tudo. Tem quem argumente que mangueira só começa a produzir depois de dez anos. Sim, mas se você plantar todo ano, quando começarem as colheitas, nunca mais vai faltar manga. Tem mesmo esse período de transição, onde ‘ninguém vai encher sacola’. No começo é mais contado: uma batata para você, um inhame para ele... mas chega a hora da fatura.”



AGRICULTURA SINTRÓPICA:  
A FLORESTA COMO MODELO

Agricultor e pesquisador suíço, Ernst Gotsch (1948) iniciou na Europa seus estudos sobre sistemas de plantio e desenvolveu associações como trigo e ervilha ou maçã e cereja. Viveu três anos na Costa Rica, onde recuperou solos a partir do princípio de consórcios entre espécies. Chegou ao Brasil em 1982 e foi morar na fazenda Fugidos da Terra Seca, no sul da Bahia. Hoje, aquela terra se chama Fazenda Olhos d’Água e produz espécies em abundância na grande área reflorestada, agora repleta de riachos. Ancoradas na integração desde a produção de alimentos até a dinâmica de regeneração florestal, suas técnicas são aplicadas em diferentes ecossistemas em todo o mundo. “O ser humano poderia se reconciliar com o planeta: achamos que somos os únicos inteligentes, mas somos parte integrante de um sistema inteligente”, sintetiza Gotsch.

Camadas do consórcio agroflorestal



- 1 - DOSSEL - árvores altas de frutas ou nozes
- 2 - INTERMEDIÁRIAS - árvores frutíferas baixas e médias
- 3 - ARBUSTIVAS - arbustos frutíferos
- 4 - HERBÁCEAS - arbustos de ervas
- 5 - RIZOSFERA - tubérculos comestíveis
- 6 - FORRAGEIRAS - frutas e hortaliças em contato com o solo
- 7 - VERTICAIS - vinhas e trepadeiras frutíferas

Em 2016 foram duas áreas de plantio (5 mil metros quadrados cada). Neste ano serão três. Depois quatro, cinco... A colheita será primeiro de banana, depois mamão, manga e jaca (cujas mudas estão intercaladas com as bananeiras). Esse sistema agroflorestal se encaixa perfeitamente nos projetos da Reserva, pois a meta é a sustentabilidade. “Ser sustentável é ter as pessoas trabalhando aqui, reflorestando e produzindo alimentos. Tem que ser um trabalho coletivo, com a comunidade ajudando a gerir tudo isso. Não é só ter um gerentão. As pessoas têm que se sentir donas disso. Se vieram plantar e colher a cana, vão ter de levar um tanto de melado para a família. E que as mulheres venham ajudar a colher batata-doce para depois fazerem compotas! Queremos envolver a comunidade para que, mesmo mantendo suas lavouras de monocultura, comecem a achar interessante plantar canteiros agroflorestais.” Diogo acredita em um conselho gestor da produção que receba, além do salário mensal, um retorno financeiro da produção: “Para que se sintam estimulados e criem um vínculo mais forte com a Reserva. Ainda estamos no começo e meu foco, mais do que cumprir qualquer meta de área cultivada ou volume de produção, é formar esse conselho gestor. Ainda não estamos muito preocupados com o final,

mas com o meio, com o processo.” Quem está empolgado com a novidade é seu Paulo Aguiar de Souza, nascido e criado em Lopes e “lavoeiro” desde criança: “O pai não dava folga para nada”. Desde que entrou na Reserva, há três anos, faz parte da equipe agroflorestal: “É novidade e dá muito certo, porque uma planta ajuda a outra, fazendo sombra.” Hoje, ele, Diogo e mais dois funcionários dão conta dos terrenos em um dia de trabalho a cada dez dias. Se forem dez áreas, os quatro podem dar conta do manejo em rodízio. Sua equipe é de mão de obra local e ele aposta nos jovens, em geral mais abertos ao novo do que seus pais, acostumados a lidar com o gado: “Acredito que podem se atrair pela agrofloresta. É como juçara, quem prova gosta!” O responsável pela produção agroflorestal da Reserva, aliás, é tão familiarizado com o plantio dessa generosa palmeira que era conhecido como “Diogo da Juçara” – apelido desaprovado pela mulher, Emília, que veio com ele de São Paulo.

SAIBA MAIS:

- :: [agendagotsch.com/Project](http://agendagotsch.com/Project)
- :: [youtube.com/watch?v=gSPNRu4ZPvE](https://youtube.com/watch?v=gSPNRu4ZPvE)
- :: [catarse.me/pt/408-projeto-nossa-horta](https://catarse.me/pt/408-projeto-nossa-horta)

# “BOM PROCÊ”

Não estranhe se ouvir uma legítima alemã encerrando o assunto com essa expressão inusitada. Assim como o clássico good for you foi amineirado, outras trocas ocorrem diariamente no lado “torre de Babel” da Reserva

Os estrangeiros sempre foram fascinados por Ibitipoca – a começar pelo ilustre Saint-Hilaire, botânico francês que em 1822 coletou diversas espécies de plantas e escreveu sobre a beleza natural da região. De uns anos para cá, por meio dos programas Workaway e Helpx, chegou gente de vários países para trabalhar como voluntário na Reserva. “Esta oportunidade está sendo fantástica. Cada jovem vem com uma bagagem diferente e leva para seu país sua experiência. Trazer o voluntário, assim como o turista estrangeiro para a Pousada, é nosso cartão de visitas. Muitos chegam, se encantam com o projeto, se tornam apoiadores ou ajudam a propagar nossos sonhos”, diz Beto Nardelli, conselheiro da Reserva. Por causa dessas riquíssimas trocas, ninguém precisa ir ao mundo: o mundo vem até aqui. E aprecia nossas cores locais, como mostra a norte-americana Brittany Berger. Responsável por selecionar os voluntários, ela nos brinda com os depoimentos das próximas páginas.

#### SAIBA MAIS:

:: Os programas workaway.info e helpx.net são destinados a quem quer viajar, trocando alimentação e acomodação por períodos trabalhados.

“No meu primeiro dia, fui apresentada à Andreia e ela me deu um abraço! À noite já estávamos conversando pelo Google Translator! Logo depois fiquei doente. No hospital em Lima Duarte não viram que era dengue e me deram dipirona. Andréia me levou para Juiz de Fora e salvou a minha vida. Hoje somos melhores amigas.”  
NADJA HOFMANN (alemã)

VEJA O VÍDEO



“No dia em que cheguei ao Brasil, eu não falava uma só palavra e estava perdida em Salvador. Pedi ajuda a alguém que claramente não falava uma palavra de inglês. Essa pessoa chamou uma segunda, que por sua vez chamou outra, que chamou mais uma... Até que encontramos uma mulher que falava inglês e nós seis (!) acabamos descobrindo onde eu tinha que ir. Essa é a minha primeira memória do Brasil. Vou lembrar para sempre a gentileza dessas pessoas. Há muitos momentos inesquecíveis de meu tempo na Reserva. Mas acho que o mais importante são as pessoas que fizeram parte deles. Em meu primeiro dia, quando as pessoas que trabalham na Reserva me mostraram os arredores, eu me lembro das risadas no carro e das vistas incríveis das montanhas; lembro de olhar as estrelas à noite, deitada na grama, fascinada pela Via Láctea. É um lugar incrível para se ver isso. Lembro dos cavalos brasileiros, lindos e fortes, e de prestar atenção a cada planta que o guia local (Ley) me apresentava. Outro momento especial foi quando celebramos o Carnaval em Lima Duarte, apenas com os locais, longe da loucura do Rio de Janeiro. Lembro que acordei encantada com a vista do sol nascendo e da montanha cercada de lindas nuvens cor-de-rosa. Momentos especiais são especiais porque os compartilhamos com pessoas com as quais a gente se importa. O povo em Minas faz tudo mais especial, tentando fazer você entender como a vida segue aqui. Eu vim ao Brasil para curtir praia, surfe e sol... Quando cheguei a Ibitipoca, entendi que o Brasil não poderia ser resumido tão depressa. O entorno de Ibitipoca é único e todo dia há algo novo a descobrir: sobre a natureza, os animais, a comida, as comunidades e, claro, sobre a cultura.”

CÉLINE BRUTT (belga)

“Eu falava só um pouquinho de português, mas tive sorte porque Loki estava sempre por perto para me ajudar. Com ele, eu me sentia mais confiante. Além disso, as pessoas que falavam inglês estavam sempre prontas para ajudar. William e Edelson, em particular, fizeram um esforço enorme para se conectarem conosco e estavam sempre felizes em tentar me ensinar palavras e frases. Eu realmente adorei poder conhecer a comunidade da fazenda. Adorei visitar Lima Duarte e encontrar as pessoas da Reserva lá. Eu amei poder pintar murais no galinheiro. E a linda paisagem, os raios loucos, a comunidade forte.”  
ALICE DOLLING (australiana)

“Eu gostei demais de tomar café da manhã e almoçar com os trabalhadores. Era uma atmosfera muito animada. Também curti ficar papeando com William no jardim; e com Renato sempre que ele estava por perto. Ele é uma pessoa amável, contemplativa, e Vivi foi uma presença sempre divertida. Lembro também do Neguinho, famoso cão que comia pedras. E todo o cenário lindo, a variedade inacreditável de paisagens; todo mundo superamigável e interessado na gente, lugares lindos para nadar e uma beleza rural, bucólica mesmo.”  
LOKI MACNICOL (australiano)





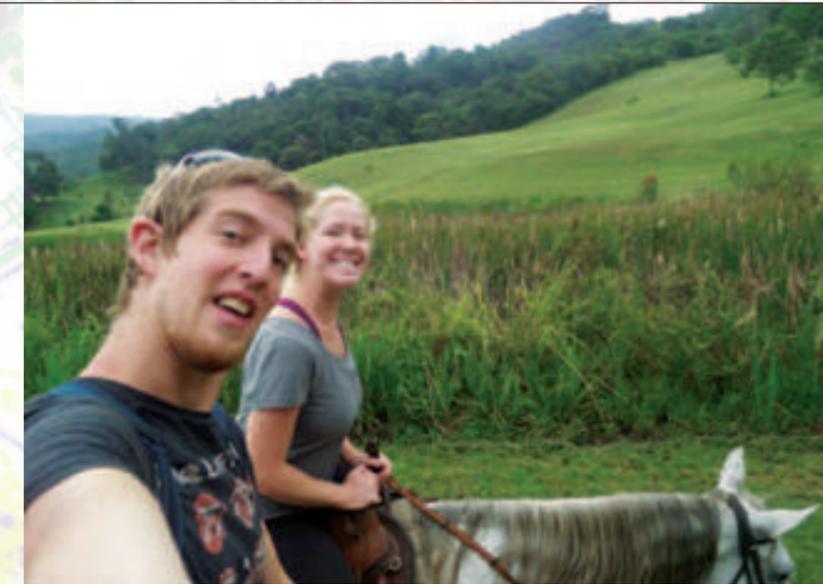
*“Aprender uma língua nova é sempre um desafio que é ao mesmo tempo confuso, frustrante e supercompensador! Todos em Ibitipoca eram incrivelmente pacientes comigo enquanto eu tentava me comunicar, fosse tentando ensinar inglês ou buscando uma tradução para o português. Precisei me adaptar a certas diferenças culturais e me esforçar para entender um senso de humor novo e diferente. Tenho certeza que com isso cometi muitos erros e muitas vezes não percebi que disse coisas que poderiam ser tomadas de forma equivocada, mas no fim realmente valorizei o carinho e o acolhimento de todos em Ibitipoca. Guardo uma lembrança especial: o dia em que Antônio Rosa estava construindo uma pequena charrete. Ele me chamou para dar uma volta e andei ao redor do estábulo no carrinho puxado por duas cabras! Fiquei tão surpresa! Não podia acreditar que existe algo como uma charrete puxada por cabras, e Antônio Rosa foi tão doce me levando nesse passeio. Outra experiência especial foi a festa junina em Lopes: impressionante ver todos vestidos a caráter dançando quadrilha. Todo mundo foi superamável, tentando me ensinar a dançar! Outro dia incrível foi quando processamos a mandioca na varanda do alojamento. Ver como a tapioca e o polvilho são feitos foi demais, assim como participar desse trabalho em equipe para ralar e espremer a mandioca foi uma experiência bacana e única! A comida em Minas é mesmo especial. Adoro o queijo mineiro e todos os tipos de broa. A paisagem é maravilhosa, e estar cercada de tanta natureza também. As trilhas e vistas não têm fim, assim como os passeios de bicicleta e a cavalo por cachoeiras escondidas e lugares incrivelmente belos. Para mim, a melhor característica da região é ser acolhedora; e as pessoas, engraçadas!”*  
SOPHIA ÉLAN ZAIA (estadunidense)

**“Todos em Ibitipoca eram incrivelmente pacientes comigo enquanto eu tentava me comunicar. Precisei me adaptar a certas diferenças culturais e me esforçar para entender um senso de humor diferente.”**

*“Vivi provavelmente alguns dos melhores momentos da minha vida na Reserva quando fiquei por um mês. Eu me senti reconectada à natureza e cercada por uma gente amável e calorosa. Fiquei impressionada com os milhões de estrelas no céu e com o incêndio nos estábulos, quando todos ajudaram a extinguir o fogo. Foi um tempo com tanta gargalhada... riso, sempre muito riso... o que me faz querer voltar agora. A região é um diamante da mãe Terra.”*  
FRANZISKA GOTTSCHLICH (alemã)



*“Jonny trabalhou nos estábulos e conseguiu superar o obstáculo da língua rapidamente, com gestos. Rapidinho, Jonny e o pessoal negociavam a compreensão da língua; ele ensinava palavras em inglês e eles lhe passavam palavras equivalentes em português. Eu trabalhei no projeto Casa Arte Vida, onde ensinei inglês a crianças de idades variadas e comecei a entender o que eles diziam também. Estando totalmente imersa na Reserva, ajudando na cozinha e convivendo com os membros do staff, foi uma forma fantástica de aprender sobre a cultura local. À parte a beleza incrível de tudo em volta, penso que nossa memória mais especial foi quando levamos os cavalos para o alto das montanhas e vimos as esculturas de metal pela primeira vez. Vimos todo tipo de flora e fauna nessa viagem e foi fantástico poder ir a cavalo. Também foi especial meu último dia na Casa Arte Vida – me despedir das crianças e sentir a gratidão por parte dos outros professores foi muito tocante.”*  
JONNY & REBECCA BATES (ingleses)



**“Nossa memória mais especial foi quando levamos os cavalos para o alto das montanhas e vimos as esculturas de metal pela primeira vez.”**



**“Eu amei poder pintar murais no galinheiro.”**  
ALICE DOLLING

# O TEMPO E O VENTO

*Dizem que mineiro esconde o ouro. É fato. Um dos locais mais interessantes da Reserva fica numa casinha caipira*

Davi Francisco (acima, à esquerda) foi fiel escudeiro da artista nos intensos 21 dias de execução da obra: "Foi fascinante acompanhar a evolução do projeto".

Cornelia usou basicamente pedras, barro, bambu e telhas. O segredo está na forma como os materiais são amarrados por fios de aço

VEJA O VÍDEO



Você passa a horta, abre uma porteira, segue pela estrada morro acima, anda pelo capim e... Uau, lá está ela, prestes a alçar voo. Ou a explodir. Ou a atirar nossa mente com o princípio da física quântica de que nada é, tudo está – e por um brevíssimo tempo! Nosso cérebro é que ordena as imagens, criando a ilusão do concreto, do estável; pois, no íntimo, nós mesmos e tudo o que nos cerca estamos em constante movimento. A instalação de Cornelia Konrads traduz tal complexidade em uma desconcertante (des)construção e nos faz questionar o que temos diante do nariz.

Em apenas uma visita à Reserva, a mente ávida da artista alemã capturou a essência do lugar. Sua Casa do Vento é a união do simples – valor essencial na filosofia da Reserva – com o onírico, o mágico, o surpreendente. Cornelia deu asas à terra crua, nua, viva. Leve e lépida, sua obra nos relembra que, mesmo com os pés firmes no solo, podemos voar. "Nos lugares onde sou convidada a trabalhar, gosto de relacionar minhas obras com o que vejo no entorno. Em minhas caminhadas, sempre presto atenção nos métodos de construção; e o pau a pique me intrigou. Nunca havia visto uma casa feita assim e logo decidi construir uma parecida, usando a técnica tradicional, mas adicionando um pouquinho de 'loucura'. O lugar e a

posição da casa fazem com que as pessoas vejam de longe e achem tudo perfeitamente normal. Mas, conforme vão se aproximando, dirão 'épa, tem alguma coisa estranha ali'. Aprecio esse processo que faz a pessoa olhar e pensar." Debaixo de um sol inclemente, conversamos meio em francês, meio em inglês. Cornelia arriscou um espanhol e soltou palavras em alemão. Com as mãos sujas de barro e fuligem, o corpo marcado de sol e cansado do trabalho pesado com hastes de ferro, ela mais parecia uma trabalhadora rural do que uma cidadã do mundo.

A artista, que estudou filosofia e somente após os 40 anos de idade optou pela arte, já criou instalações em parques e jardins públicos na Suécia, Bélgica, Canadá, Austrália e outros países. Em comum, todas parecem desafiar a gravidade e conviver em sintonia com o ambiente que as acolhe. Para Cornelia, criar cenas vivas que parecem um frame de cinema congelado estimula que "o movimento continue na imaginação. E, quando se fala em movimento, fala-se também do tempo. Isso é interessante para mim." Na Casa do Vento, podemos deixar o tempo correr e nos movimentar com liberdade através da obra – e ali experimentar prazer, estranheza, desconforto, espanto, maravilhamento... E ainda brindar à vista, à vida e à arte, pois a cachaça Me Leva está lá também, nos esperando.

SAIBA MAIS:  
:: [www.cokonrads.de](http://www.cokonrads.de)

# COMO SERÁ A RESERVA EM 2050?

Em 1981, Carlinhos Repetto comprou a Fazenda do Engenho. O vendedor mostrou a terra, apontou uma montanha e disse: "E ainda 'droba' pra lá". Eram pastos e pastos abandonados a perder de vista! Aos poucos, eles foram sendo retomados pelas matas, os animais voltaram, a fazenda deu origem à Reserva do Ibitipoca e muita água correu desde então. O que vai acontecer nas próximas décadas? É o que perguntamos aos amigos e colaboradores da Reserva:

*"Que os turistas, as pessoas vejam que podem ter as coisas sem prejudicar a natureza."*

OZAMAR DE  
PAULA MACHADO,  
funcionário



*"Com a continuidade dos trabalhos e dedicação, teremos um maior número de animais dando mais vida a nossas matas, como as iraras, quatis, jacus e preguiças. Vamos ver a linda ave jacutinga; ouvir o pio inconfundível do inhambu-açu e o xororó. O triste pio dos macucos, bem como a algazarra dos macacos-prego, sauás, bugios e miquis. Coelhos, pacas e cotias irão saciar a fome de nossos grandes predadores, como a onça parda, o lobo-guará, jaguatiricas, porcos e gatos-do-mato. Como estarei com 95 anos, espero que os aparelhos para surdez sejam mais eficientes!"*  
CARLOS DE ASSIS  
REPETTO (Carlinhos)

*"Já existe uma exuberância no local; e imagino, no futuro, uma maior área de vegetação unindo os fragmentos de mata. Igualmente importante é como as pessoas vão enxergar essa conservação. Espero ver uma maior integração com a comunidade, para que ela se beneficie da Reserva e ajude a preservá-la."*  
NARJARA LOPES DE  
ABREU, bióloga

*"Eu vou estar morando lá, com muitos livros, música, barro para criar objetos e amor no coração!"*  
HÉLIO PELLEGRINO,  
arquiteto

*"Em alguns anos será um reduto raro, com fontes de água, árvores silvestres, produtos orgânicos de qualidade e um destino de turismo ecológico mundial. Resumindo, um verdadeiro paraíso na nossa terra!"*  
CLAUDE TROISGROS,  
chef de cozinha

*"A infraestrutura será ainda melhor! Acredito que vamos receber muitos animais nos viveiros e que a Reserva, assim como mudou a minha vida, mude a de outras pessoas."*  
VIVIANE FIGUEIREDO,  
ex-funcionária

*"Acredito que vai ser ainda mais estruturado do que já é, porque a gente está evoluindo, descobrindo grutas, por exemplo. Imagino uma mata mais densa, abrigando mais espécies."*  
AROLDO DE OLIVEIRA,  
funcionário

*"Vejo minha filha trabalhando aqui. O sonho dela é cozinhar."*  
MARLY DE FÁTIMA,  
sócia da Pousada

*"Eu acredito que daqui a uns vinte anos os grupos de miquis vão voltar ao normal. As matas já estão aumentando, e vai ter mata suficiente para alimentar todos eles."*  
JOSÉ VICENTE DE  
PAULA, funcionário

*"Espero ver uma população de miquis sustentável; muitos biólogos e moradores da região envolvidos com a ciência e a conservação."*  
KAREN STRIER,  
bióloga



*"O grande barato é a Reserva se manter como é: eternamente o silêncio, a mata e sua energia única."*  
MUCKI, artista plástica

*"Sou doido para fazer aqui uma escola técnica de agricultura, arquitetura, ecologia e sustentabilidade, para divulgar conhecimento e diminuir o êxodo rural."*  
TZIU, arquiteto

VEJA O VÍDEO



*"A gente espera aumentar a produção, porque aqui dá de tudo: é só plantar que colhe. Às vezes a gente não alcança até lá... Tenho 72 anos."*  
PAULO AGUIAR  
funcionário





*“Espero que seja autossustentável, que tudo que seja consumido aqui seja produzido aqui. Ter a genética das plantas daqui, sem agrotóxicos, e que o pessoal dê valor à produção local. Aprendi muito sobre plantio de milho e de feijão com os mais velhos. Espero poder passar esses ensinamentos.”*

**WILLIAN DE OLIVEIRA CASTRO,** funcionário

*“Fartura, abundância, muita fruta, muita madeira. Os jovens participando do plantio e da colheita.”*  
**DIOGO JORGE,** permacultor

*“Que seja um cantinho do paraíso, parecido com o Brasil antes de 1500. Para isso, acredito que a grande ferramenta é a educação ambiental: que a criança se torne um vigilante da natureza.”*  
**ROGÉRIO CALDAS,** engenheiro florestal e presidente do IBPN

*“Espero ver tudo reflorestado, tudo bem verde. E que a gente veja ainda mais animais! E espero estar falando bem inglês.”*  
**EDUARDO MOREIRA,** funcionário

*Vejo a Reserva como uma referência na hotelaria mundial justamente se destacando pelo projeto, que, tendo alma e coração, trabalhando com comunidade e preservação, conseguiu atingir níveis altíssimos de excelência, mostrando ao mundo que é possível utilizar o turismo de comunidade, sustentável, como solução para muitos dos dilemas da sociedade, e ainda utilizar isso para proporcionar experiências incríveis aos seus hóspedes.*  
**CLÁUDIA BAUMGRATZ,** gerente de marketing da Pousada

*“Imagino e torço por uma Reserva preservada, uma sociedade engajada, instituições fortes para influenciar políticas públicas em prol da preservação do meio ambiente. Será não apenas um pedaço verde no mapa do Brasil, mas também laboratório para pesquisas científicas, descanso e descoberta para turistas, cenário para aventureiros. Enfim, creio que haverá uma rede articulada para beneficiar a educação e o desenvolvimento econômico do país. Na minha opinião, a tecnologia terá um papel fundamental para esse cenário. Uma sociedade mais empoderada digitalmente poderá fazer do uso da tecnologia algo efetivamente transformador, em todas as áreas.”*  
**RODRIGO BAGGIO,** empreendedor social, fundador e presidente do Recode



*“Eu já vi jaguatirica. É um bicho bonito demais! Daqui a 35 anos eu espero poder andar por aí e encontrar muito mais bichos soltos, de tudo que é tipo.”*  
**MANOEL MESSIAS,** funcionário

*“Referência global na área socioambiental; com muito fluxo de artistas e pesquisadores.”*  
**BETO NARDELLI,** conselheiro da Reserva

*“O que Ibitipoca me traz é estar presente no momento. As pessoas vivem demais o futuro e o passado. Aqui a gente vive o presente, aprende muito com as pessoas e com a natureza. É uma troca deliciosa: trago um pouquinho da minha experiência e aprendo com as pessoas que aqui estão, que são maravilhosas. Outro dia, plantei uma árvore, coisa que nunca tinha feito! A muda foi presente do Tziu. Ele disse: “Um dia teus netos vão estar abraçando esta árvore aqui, e você vai precisar ter pelo menos três netos pra abraçar, porque é uma árvore enorme e linda.”*  
**RODRIGO LONDRES,** conselheiro da Reserva

*“Vai estar tudo mais formado de mata e os bichos estarão mais garantidos.”*  
**ANTÔNIO ROSA,** funcionário

*“Acredito na educação ambiental: nossas crianças podem se tornar adultos conscientes, que não aceitam mais cortar árvore, caçar, pegar passarinho... Espero que o futuro crie uma cultura de respeito à natureza. E que na Reserva tenha muitos pesquisadores. E um monte de muriquis com filhotinhos!”*  
**BRITTANY BERGER,** coordenadora de projetos socioambientais



*“Sonho que seja a melhor pousada do mundo, com muitos empreendedores produzindo todos os alimentos que oferecemos aos hóspedes, integrando cada vez mais as pessoas à natureza.”*  
**LUCIMARA OLIVEIRA,** funcionária

*“Que a gente tire o sustento daqui e ajude a continuar preservando a natureza.”*  
**PATRICIA FORTES,** funcionária

*“Imagino meus filhos correndo aqui.”*  
**JUNIOR VICENTE DOS REIS,** funcionário

*“Espero ter muito mais empreendedores aqui da região.”*  
**BIANCA SILVA,** funcionária

*“Desejo todas as coisas realizadas! E nossa produção de melado e doces dando certo!”*  
**ODETE MARIA,** funcionária





*"A Reserva do Ibitipoca será o melhor lugar do mundo!!!"*  
RAQUEL PAZOS,  
gerente da Reserva

*"Que a Reserva já tenha todos os objetivos de sustentabilidade e simplicidade alcançados."*  
MARÍLIA SOUZA,  
funcionária

*"Vai seguir em frente e empregar ainda mais gente, por que isso aqui sem turismo é o deserto."*  
JORGE DIMAS DE OLIVEIRA, funcionário

*"Gostei de construir casa de pau a pique, e o custo dela é bem menor. Espero ver mais casas assim."*  
AGNALDO FAGUNDES DA CUNHA, funcionário

*"Imagino que a Reserva pode ter papel de referência na preservação do meio ambiente e dos costumes locais, além de estar cada vez mais inserida na vida das comunidades."*  
GUILHERME SALGADO,  
engenheiro ambiental

*"Quero ver crescer esse trabalho social que dá oportunidade para as pessoas da região. Meu pai, meus irmãos e meus tios trabalham aqui, e espero ver mais gente da família. O grande sonho é a Reserva não ter mais funcionários, e, sim, pessoas trabalhando em equipe."*  
LEILIANE SILVA,  
funcionária

*"Ser 100% sustentável é a meta. O spa pode ser um dos carros-chefes com a ideia do spa week, por exemplo. A Reserva para mim foi um divisor de águas: é uma empresa de oportunidades, que ajuda a pessoa a encontrar a função que mais a deixa feliz. Aqui é uma família, a gente briga e faz as pazes; os erros são permitidos, mas a verdade impera."*  
ANDRÉIA PIRES,  
funcionária

*"Imagino a Reserva completamente sustentável."*  
VIVIANE SALINO,  
funcionária

*"Espero que aumente a demanda, para a gente plantar mais, ter produtos saudáveis aqui e em toda a vizinhança."*  
EDELSON AUGUSTO,  
funcionário

*"Gostaria de ver mais gente trabalhando aqui e mais projetos acontecendo."*  
NADJA HOFMANN

*"Imagino muitas plantações e muitas famílias tirando daqui o seu sustento."*  
CLEIDE VITÓRIA,  
funcionária



*"Imagino a mata ainda mais fechada, muitas nascentes protegidas e bichos para todo lado."*  
JOSÉ ADRIANO,  
funcionário

## AGRADECIMENTO

*Para nós da U&M é uma honra a ligação umbilical com este projeto socioambiental inspirador, que tenta reescrever localmente a relação de nossa espécie com o planeta e com nossa própria espécie.*

*Agradeço do fundo do coração a cada um de nossos fornecedores e funcionários, que trabalhando com excelência propiciam o lucro que torna possível a realização deste projeto. E agradeço aos nossos clientes pelas oportunidades concedidas.*

*Vocês todos são parte da Reserva do Ibitipoca.*

*Obrigado,*  
Sérgio Machado, presidente



MINERAÇÃO E CONSTRUÇÃO S/A



